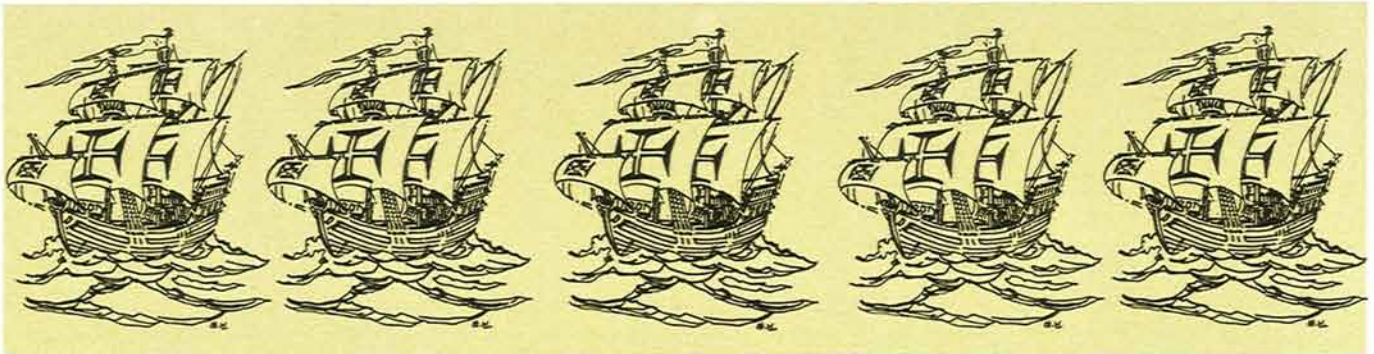
N.º 50 / NOVEMBRO 1975 / ANO V

revista da ARMADA

Sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
	Mensagem do Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas	4
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** A Arte da Grécia Antiga através da Escultura	5
Vários	**Voz da Abita**	8
M. Horta	**Notícias Pessoais**	11
S. Machado	**Sabe o que é o conhaque?**	12
S. Elpídio/M. Horta	**Saibam Todos**	13
G. Brandão	**Filatelia**	16
O. Lemos	**Novidade Astronómica** A Estrela Betelgense fotografada com diâmetro aparente	17
M. do Vale	**Conversa entre Marinheiros...**	18
M. Horta	**Desporto**	21
S. Elpídio	**Terminologia Naval**	22
M. do Vale/O. Lemos	**Curiosidades**	23
S. Elpídio	**Reportagem**	24
Vários	**Quarto de Folga**	32



REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 50/NOVEMBRO 1975/ANO V

Preço de venda avulso	5$00
Assinaturas anuais:	
Continente, Ilhas, Ultramar, Espanha e Brasil (via normal)	50$00
Estrangeiro, excepto Espanha e Brasil (via normal)	68$00
Ilhas (via aérea)	75$00
Ultramar (via aérea)	137$00

Na capa:

**Base Naval de Lisboa, Arsenal do Alfeite.
Reparações e descanso...**

(Foto do 2.º-sarg. CM Ramiro Magalhães)

Execução gráfica:
LISGRÁFICA, Impressão e Artes Gráficas, S. A. R. L.

Nota de Abertura

férias

Toda a gente regressou ao trabalho. Acabaram as férias que, cada um, dentro das suas possibilidades, procurou gozar o melhor que pôde, uns no estrangeiro, outros na praia, outros no campo e muitos... em Lisboa. A mim calhou-me o campo, uma aldeia perdida nos confins da serra, cuja vida tenho acompanhado desde sempre. Gostei de ver os progressos que vão por lá. Dos candeeiros de petróleo, dos carros de bois e das cegonhas dos poços... das caminhadas a pé e das bicicletas... do lenço e saia rodada das mulheres... das casas pobres e sem comodidades... passou-se à electricidade, com tudo o que ela dá, aos tractores e motores de rega... aos automóveis e motoretas... às calças e cabelos ao vento... aos chalés garridos e confortáveis dos emigrantes...

Do silêncio e da apatia passou-se à livre discussão de tudo o que possa interessar ao país... Grandes progressos, realmente, desde os meus tempos de menino!

Há, porém, uma coisa que, consoladoramente, permanece imutável — o amor à terra e ao trabalho. Ontem como hoje, o trabalhador do campo vive intensamente a sua agricultura, as suas vinhas, o seu milho, o seu feijão...

De sol a sol, sem olhar a horários de trabalho, homens e mulheres procuram tirar da terra tudo o que ela pode dar. Nem as contingências do clima, nem as incertezas do futuro, lhes fazem esmorecer o ânimo. Ao vê-los lutar pela vida tão denodadamente, creio poder afirmar com toda a justiça que, os portugueses não são apenas heróis do mar, são-no também da terra.

Com.

Mensagem do Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas

1. Se um militar não se apresenta perante a população, a quem serve, com a lealdade e a dedicação que justamente lhe deve; se em vez de respeitar a franqueza das suas opiniões prefere impor-lhe a «superioridade» dos seus próprios conhecimentos políticos, se não compreende que, para a defender tem de ser competente, disciplinado e aprumado, então não é democrata nem revolucionário nem digno do Movimento das Forças Armadas.

2. Se um militar põe a sua arma ao serviço da sua própria opinião política individual, se não tem a coragem revolucionária de aceitar a derrota das suas ideias perante posições mais correctas, no interesse do povo a que pertence, se não se dá ao esforço de procurar, no interior do MFA, a opção colectiva que melhor represente o consenso dos seus camaradas de armas e do povo que defende então trai a sua farda, o MFA e o seu País.

3. Se um militar se apresenta diante do povo para o forçar à sua própria opção política, se atropela a escolha feita pelo povo para lhe impor qualquer solução que ele não aceita nem quer na sua maioria, então não diga que é revolucionário, se não colabora com o MFA no cumprimento da tarefa histórica que esse povo exige de si, está a facilitar o caminho à direita e comporta-se como um reaccionário.

4. Se um militar admite que um partido político, qualquer que ele seja se sirva de si, se consente em pôr a sua arma que o povo lhe confiou para o defender, ao serviço dos interesses desse partido, por muito progressista que lhe pareça então traiu o povo, perdeu o seu brio de homem e de soldado e é indigno do MFA.

5. Se um militar mostra a sua farda em manifestações de interesse partidário, se não se importa de comprometer os seus camaradas e a sua Unidade em comícios ou plenários de qualquer organização política, então traiu o projecto unitário do Movimento das Forças Armadas, e está a dividir os trabalhadores que diz defender.

6. Se um militar, se deixa manobrar por organizações clandestinas que afirmam promover a luta de classes dentro dos quartéis à custa da sua operacionalidade militar, que tenha cuidado: a reacção sabe trabalhar de muitas maneiras e destruir a capacidade operacional das Forças Armadas e pode ser o primeiro passo para atacar o processo revolucionário. Por detrás de um falso progressista está sempre um verdadeiro reaccionário.

7. Se um militar não aceita conscientemente o que o cumprimento da missão que, através da cadeia de comando, lhe é transmitida é condição essencial à sobrevivência da revolução, se sempre que recebe uma ordem, a avalia apenas à luz do caso particular que vive e nessa avaliação se deixa influenciar por opiniões sectárias ou dominar por medos físicos que procura camuflar com atoardas pseudo-progressistas, se, quando é chamado a cumprir uma missão, esquece o contexto geral em que realmente se inscreve a Revolução Portuguesa e não coloca como critério base de apreciação o êxito da revolução, então, julgando que é revolucionário está a ser objectivamente contra-revolucionário e a criar dificuldades a que se atinja em Portugal uma verdadeira sociedade sem classes onde não haja mais lugar para exploração do Homem pelo Homem.

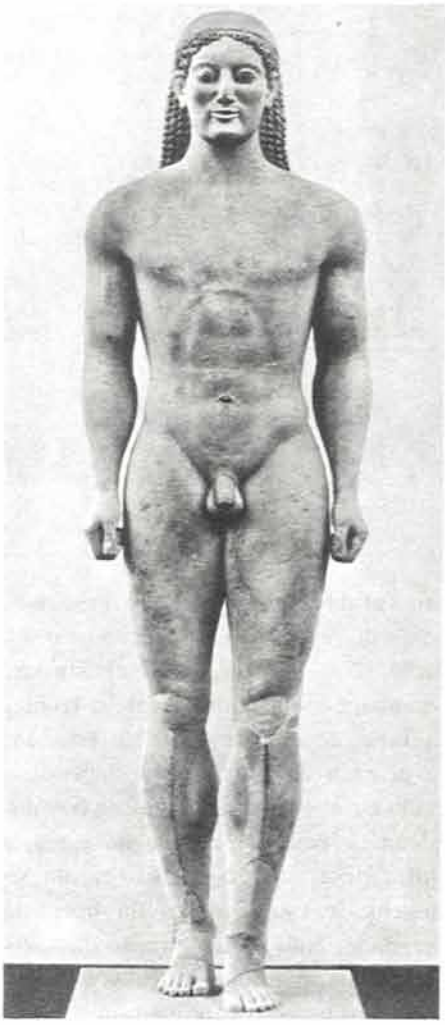
Cerimónias anuais evocativas dos mortos da extinta Aviação Naval

Sob a égide do Museu de Marinha, realiza-se no dia 11 do mês corrente, pelas 18 horas, na Igreja dos Jerónimos, uma missa solene, acompanhada pela Banda da Armada, sufragando a alma do pessoal da Aviação Naval morto em serviço de voo.

Convidam-se todos os oficiais, sargentos e praças que serviram a Marinha na Aviação Naval, seus familiares, parentes e amigos dos desaparecidos a comparecer à referida cerimónia, contribuindo assim para as homenagens devidas àqueles que à custa das suas vidas contribuiram para o o prestígio que este serviço da Armada alcançou na sua curta existência.

A Arte da Grécia Antiga através da Escultura

I – O estilo severo da época clássica, de 500 a 450 a. C.



Estátua de Croisos com 1,94 m de altura de cerca de 520 a.C.

A civilização grega iluminou como um facho toda a antiguidade. O esplendor dessa civilização nos domínios da Filosofia, da Política e da Cultura em geral está na origem do que podemos hoje designar por «civilização ocidental». Sócrates, Platão e Aristóteles projectaram-se mais de um milénio no futuro antes que surgissem outros pensadores da mesma envergadura. Fídias, Míron, Policleto e Praxíteles foram, na escultura, padrões clássicos que a Renascença retomaria quase dois mil anos depois.

Toda a obra de arte é de uma grande fragilidade; o tempo, os cataclismos e a ferocidade dos homens são-lhe, em regra, fatais. No entanto, a arquitectura, a escultura e a cerâmica conseguiram, aqui e além, atravessar a história e as vicissitudes do tempo para transmitirem, através das suas ruínas ou despojos, uma das mais eloquentes mensagens que o Homem alguma vez projectou no futuro.

A arte do período clássico grego não surgiu de improviso. A Ásia Menor e o Mar Egeu foram uma encruzilhada natural das civilizações mais antigas do Médio Oriente. No período, dito geométrico, que se estendeu de 1100 a 700 a. C. e no período arcaico que se situa entre 700 e 500 a.C. são notórias as influências pré-históricas, micénicas, egípcias e cretenses na arte grega. Uma escultura arcaica como a de Croisos, em Anavyssos na Ática meridional, cerca de 520 a.C. reflecte ainda a maneira hierática das esculturas egípcias, de carácter hirto e rígido, com os membros praticamente colados ao corpo, muito embora se descortine já a intenção quase insofrida de movimento nos membros inferiores.

O período clássico, em que se individualiza uma concepção artística nova, profundamente humana, centrada no próprio homem como objecto dessa mesma arte, arranca por assim dizer com os escultores da ilha de Egina, de que os mais importantes foram KALON e ONATAS. Ambos trabalharam no magnífico Templo de Afaia em Egina.

Os templos gregos não eram apenas obras arquitectónicas notáveis; à sua magnificência juntava-se a exuberante ornamentação escultórica em que o alto relevo tinha lugar preponderante. Além dos dois frontões triangulares cuja decoração com grupos escultóricos exigia o maior

Frontão oriental do Templo de Zeus em Olímpia (Reconstituição).
A — Alpheu. B — Adivinho. C — Mirtilos com a atrelagem do rei de Élis. D — Jovem. E — Esposa do rei. F — O Rei de Élis. G — Zeus. H — Pélope. I — Hipodâmea, filha do rei. K — Rapariga diante da atrelagem de Pélope. L — Adivinho. M — Jovem acocorado. N — Cládeo.

equilíbrio e harmonia, havia toda uma série de espaços quadrados — as métopes — formando um friso por baixo das cornijas e que eram preenchidos, por via de regra, com cenas da vida dos heróis da mitologia grega.

KALON E ONATAS executaram estátuas e grupos escultóricos para várias cidades gregas. A qualidade dessas obras justificou a execução de inúmeras cópias, quer na antiguidade quer mais recentemente, cópias essas que se encontram hoje espalhadas por vários museus.

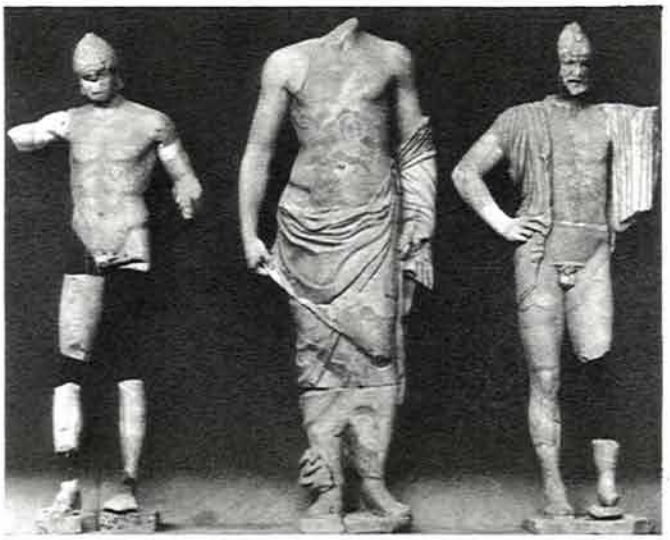
Atribui-se a Onatas a estátua em bronze do deus do mar — Poseidon — com 2,09 metros de altura e que foi encontrada no mar, perto do cabo Artemision.

O estilo da ilha Egina passou para a Ática (de que Atenas era a principal cidade) vindo a afirmar-se de forma superior, no Peloponeso, na cidade de Olímpia. O Templo de Zeus, em Olímpia, foi a obra-prima deste período e veio a abrigar a célebre estátua daqueles deus — obra de Fídias — e uma das sete maravilhas do Mundo. Infelizmente, o artista que concebeu e executou as esculturas que ornamentavam o templo, permanece anónimo e passou à posteridade como «o grande mestre de Olímpia». O templo tinha dois frontões cujos grupos escultóricos, com figuras maiores que o natural, foi possível reconstituir. As doze «métopes» foram também reconstituídas a partir das indicações fornecidas por Pausânias que fez uma «Descrição da Grécia» no século II e dos fragmentos que se reuniram após as escavações que, já neste século, se fizeram. Ilustram os doze trabalhos de Hércules.

O formato triangular dos frontões exige, para uma decoração equilibrada, grande imaginação. O frontão oriental tem por tema o episódio da corrida de carros entre Pélope e Enómao, rei de Élis e que se julga estar na origem dos Jogos Olímpicos. Este rei só daria a mão de sua filha a quem o fosse capaz de vencer numa corrida de carros. O drama dessa disputa estava no seu epílogo sangrento; o vencido deveria morrer às mãos do vencedor. O rei de Élis julgava-se invencível por possuir os cavalos que lhe tinha dado Ares, o deus da guerra. O estrangeiro que se apresentava dessa vez a pretender Hipodâmea, a filha do rei, conduzia, no entanto, os cavalos de Poseidon, deus do mar e teve a fortuna pelo seu lado. Na concepção do artista, as quadrigas, colocadas frente a frente, a meio de cada metade do frontão, evocam a corrida de que depende a vida e a morte. Mas nada, na composição, evoca a preparação para a luta; pesa, por assim dizer, um silêncio de morte antes da hora da verdade. Não há a agitação dos preparativos, nem os gritos dos escudeiros nem os gestos de incitamento dos palafreneiros; há apenas o presságio. Nos ângulos do frontão, duas di-

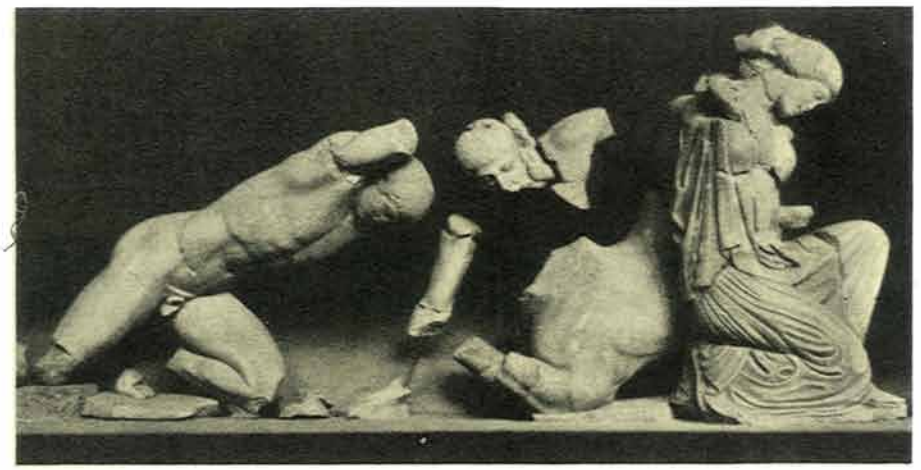
Poseidon de Onatas de Egina.

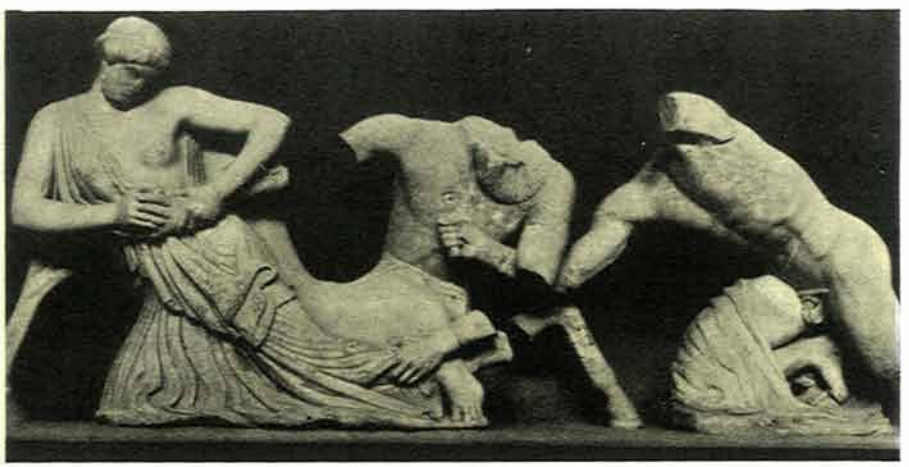
Frontão oeste do Templo de Zeus em Olímpia (Reconstituiçãso).
A e B — Duas mulheres lápitas. C, D e E — Um lápita defende uma mulher contra os ataques de um centauro. F e G — Um centauro violenta um jovem lápita. H, J e K — Pirítoo defende a sua mulher contra um centauro. L — Apolo. M, N e O — Teseu defende um lápita contra um centauro. P e Q — Centauro mordendo um lápita. R, S e T — Um lápita defende uma mulher contra os ataques de um centauro. U e V — Mulheres lápitas observando o combate.



Fragmentos do frontão oriental do Templo de Olímpia. Da esquerda para a direita: Pélope, Zeus e o rei de Élis.

Fragmentos do frontão oriental do templo de Olímpia. Da esquerda para a direita: a esposa do rei de Élis, rapariga ajoelhada e a quadriga de Pélope.





Fragmentos do frontão oeste do Templo de Olímpia.
Em cima: As figuras C, D e E do esquema de reconstituição.
Em baixo: As figuras R, S e T do esquema de reconstituição.

vindades observam este encontro fatídico entre Enómao, à esquerda, e Pélope, à direita. O movimento desenrola-se dos ângulos para o centro. Dois adivinhos, colocados atrás de cada um dos carros, prevêem a derrota do rei. A meio do frontão pontifica Zeus que os heróis, no entanto, não vêem, por se achar um pouco recuado na perspectiva, como se pairasse para lá do seu próprio universo. Essa separação é acentuada pelas lanças. A mão de Zeus agarra o manto num gesto de cólera sustida. A cabeça, voltada para o rei, indica-lhe o destino — a morte fatal às mãos do estrangeiro Pélope que vai conseguir desposar Hipodâmea, colocada entre ele e a sua quadriga. A serenidade espectante, presente no frontão oriental, contrasta com o tumulto e agitação do frontão oeste.

Aqui, grupos de dois ou três personagens lutam com ânimo. A cena reporta-se aos esponsais de Pirítoo, rei dos Lápitas. Pirítoo convidou para as bodas não apenas o seu amigo Teseu, mas também os Centauros — homens cavalos. Estes, desinibidos pelo excesso de bebida, dão largas aos seus instintos animais e pretendem violar as mulheres e os jovens e tentam mesmo raptar a noiva. A violência extravasa do meio do frontão para os ângulos. Ao centro surge Apolo, de braço estendido, divinamente sereno, procurando impor a ordem.

O templo começou a ser construído cerca de 455 a.C. e foi acabado cerca de 435 a.C. Foram 20 anos de um trabalho hercúleo, digno de um génio, pois só um grande artista seria capaz de conciliar, num todo harmónico, elementos aparentemente inconciliáveis do ponto de vista artístico. O templo foi arrasado e incendiado por Teodósio II, imperador de Constantinopla, no ano 500 da nossa era, no seu zelo de cristão contra o paganismo.

Fez transportar para aquela cidade a estátua de Zeus, essa maravilha que um incêndio destruiria também, muitos anos mais tarde. Das ruínas soterradas do Templo de Olímpia foi possível retirar ainda o suficiente para se poder admirar a arte incomparável do apogeu do período clássico grego, dito severo.

O. Lemos
Cap. frag.

Voz da Abita

Da Associação dos Antigos Marinheiros da Armada, em Lourenço Marques, recebemos uma carta de que transcrevemos:

«Lourenço Marques, 25 de Agosto de 1975.

«(...) O saudosismo levou um dia do ano de 1971, um grupo de antigos marinheiros sentados à mesa de um café desta cidade a pensar formar uma Casa onde em maior intimidade e convívio fosse possível juntar todos aqueles que mourejando nestas paragens já alguma vez tivessem prestado serviço na Armada.

«E do pensar à concretização do sonho foi só o tempo de elaboração dos respectivos estatutos e da divulgação da ideia com vista à angariação de sócios, tarefas estas que couberam a uma Comissão nomeada desde logo para o efeito.

«Aprovados os estatutos pela Portaria n.º 653/72, de 24 de Junho, considerou-se contudo a data de 5 de Outubro do mesmo ano como o início das actividades daquela que viria a chamar-se: Associação dos Antigos Marinheiros da Armada.

«Como seu patrono foi escolhida a figura ilustre e prestigiosa de marinheiro e cientista do Almirante Gago Coutinho.

«Contrariamente ao que se poderá pensar da designação – «Antigos Marinheiros» – a nossa Associação alberga no seu seio não só as antigas praças de marinha como também os sargentos e oficiais, numa palavra: todos os indivíduos que assentaram praça na Armada. Estes são os sócios efectivos.

«Dado que, embora em número razoável (na altura), os sócios efectivos não seriam suficientes para manter os encargos financeiros através da sua quotização, foi prevista e aprovada a admissão de sócios extraordinários que engloba o pessoal civil que serve ou serviu na Armada, as esposas, viúvas, irmãos, ascendentes ou descendentes dos sócios efectivos e todos os simpatizantes da Associação de que a Direcção reconheça conveniência na sua admissão.

«Como sempre acontece nestas coisas, ao entusiasmo e profusão de ideias postas por todos ao serviço da causa no início do empreendimento sobrepõem-se outros factores que a pouco e pouco vão arrefecendo o ímpeto inicial até se cair na carolice de uns tantos para se aguentar a «nau».

«Não teria sido essa a situação actual da nossa Associação, até porque a sua existência é relativamente curta, se não fora a profunda viragem política operada no nosso País e que dentro do âmbito da mesma concedeu a independência às suas antigas províncias ultramarinas, mormente Moçambique que se processou como se sabe em 25 de Junho passado.

«O êxodo dos que saíram de Moçambique a partir do 25 de Abril de 1974, e que largamente se dilatou após os graves acontecimentos registados nesta cidade nos meses de Setembro e Outubro do ano transacto puseram em grave risco a existência de muitos clubes, casas regionais e associações dada a fuga de muitos associados o que deu origem a problemas de vária ordem, mormente à queda vertical na receita das respectivas quoti-

zações.

«A nossa Associação não podia deixar de ser afectada por esta situação a qual foi agravada pela saída dos navios de guerra aqui estacionados em comissão de serviço e muito especialmente pela extinção do Comando Naval, um forte sustentáculo em que nos apoiávamos, não só moralmente como pelas valiosas ajudas materiais que sucessivamente os vários comandantes fizeram o favor de nos conceder.

«Contudo, confinados à situação de emigrantes, longe da Pátria, saudosos mais do que nunca do alcaxa e do botão de âncora que já não vislumbramos nestas paragens, os «sobreviventes» ou «náufragos», como lhe queiram chamar, procuram tal como na bonança governar o «barco» no mar encapelado das incertezas em que vivemos presentemente e que se prendem pela continuidade do rumo que lhe foi indicado pelos seus fundadores.

«Vale-nos nesta transição o carinho e ajuda material dos sócios efectivos, que põem ao serviço da nossa Associação o melhor do seu entusiasmo e interesse pelos seus problemas.

«Presentemente, o problema que mais nos preocupa é o caso da nossa vivência dentro do contexto político de Moçambique como nação independente.

«Através de uma exposição cujo conteúdo V. Ex.ª poderá apreciar pela cópia que juntamos, procuramos junto das autoridades governativas deste País algo que nos indique que temos «luz verde» para seguirmos em frente, o que nos permitirá dar andamento a alguns projectos que temos em mente.

«Enquanto não obtivermos uma resposta concreta e favorável aos nossos anseios, a vida da Associação vai decorrendo dentro de um impasse em que nada se põe a girar, antes procura-se «acertar o passo».

«Algumas confraternizações gastronómicas onde dada a raridade desses produtos, falham o «fiel amigo» e a boa pinga portuguesa e que acabam regra geral com uma sessão de fados e guitarradas como lenitivo para aplacar ou avivar mais ainda as saudades da mãe-pátria; sessões de cinema todas as sextas-feiras e sábados cujas receitas de parceria com aquelas obtidas através da exploração do bar e quotização vão cobrindo as despesas com o aluguer da sede, água, luz, salários de dois empregados, jardineiro, etc., etc. São estas as actividades de momento da nossa colectividade e é esta também a curta história da Associação dos Antigos Marinheiros da Armada, com sede na Avenida Dr. Serrão, 512, desta cidade de Lourenço Marques.

«Antes de terminar e aproveitando o ensejo, três favores ousamos solicitar a V. Ex.ª, convictos de que na satisfação dos mesmos não deixará de pôr o maior interesse.

«Trata-se do seguinte;

« – Através do extinto Comando Naval de Moçambique recebíamos com regularidade a conceituada «Revista da Armada», de que V. Ex.ª é mui digno Director, cuja leitura, como deve calcular, era muito apreciada pela nossa massa associativa, mormente por parte dos antigos marinheiros.

«Extinto aquele Comando, faltou-nos a partir de Maio último o prazer daquela leitura.

«Solicitamos assim a V. Ex.ª a fineza de nos serem enviados contra-reembolso os números de Junho, Julho e Agosto e todos os outros que lhes seguirem;

« – Dado possuirmos uma boa máquina de projectar (16 mm), equipada com lentes para toda a espécie de filmes, muito apreciaríamos, ainda que com carácter devolutivo, que pelos serviços da Armada nos fossem cedidos alguns filmes ou documentários sobre as actividades da nossa Marinha de Guerra ou até de Armadas estrangeiras, e que V. Ex.ª faria o favor de encaminhar este pedido à entidade competente, a qual desconhecemos quem seja;

« – Finalmente, estando em fase de reorganização a nossa biblioteca, gostaríamos de guarnecer a mesma com literatura relativa à vida do mar, sobretudo com livros de carácter tecnológico, pois estamos em vias de vir a ministrar alguns ensinamentos aos futuros marinheiros da Armada moçambicana.

«Terminando esta carta, afirmamos estar sempre ao dispor de V. Ex.ª, que o mesmo é dizer da «Revista da Armada», para tudo o que se nos deparar de carácter informativo e que possa despertar interesse.

«Queira V. Ex.ª perdoar-nos o precioso tempo que lhe tomámos e entretanto aceitar os nossos melhores cumprimentos a par das mais cordiais e efusivas Saudações Navais.»

N. R. – *Quanto ao 1.º pedido, vai ser imediatamente satisfeito, graciosamente.*

No que respeita aos 2.º e 3.º, foram devidamente encaminhados para a CDAP (Comissão Dinamizadora do Associativismo de Praças), para o Clube do Sargento da Armada e para o Clube Militar Naval e, também aqui deixamos o alerta para os Serviços da nossa Marinha que estejam em condições de os satisfazer.

Ainda em atenção ao 3.º apelamos para os nossos leitores no sentido de nos enviarem publicações, de que possam dispor, que nós nos encarregaremos de as fazer chegar à A. A. M. A.

Do nosso assinante e ex-mar. CM n.º 709/71, Manuel Dinis Duarte de Almeida, recebemos uma carta de que transcrevemos:

«Torreira, 26-8-75.

«(...) Louvo também a publicação da poesia «Quatro Anos» do ex-mar. L Fardilha. Como antigo companheiro dele durante dois anos no draga-minas «Ribeira Grande» não posso esquecer os

velhos tempos da «Briosa» e estando, também, incluido naquela poesia sob o pseudónimo «Bolacha» sinto-me muito sensibilizado; por isso muito obrigado.
«Sem mais um abraço para todos».

Da Irmã Maria da Conceição Fraqueza, religiosa em serviço na Capela do Hospital da Marinha, recebemos uma carta de que transcrevemos:

«Lisboa, 8 de Setembro de 1975.
«Exm.º Senhor Director da simpática e útil «Revista da Armada».
«Com os meus respeitosos cumprimentos, peço licença a V. Ex.ª para me apresentar. Sou a religiosa que trata da Capela do Hospital da Marinha e que visita os doentinhos prestando-lhes todo o conforto moral que lhe é possível.
«Tendo nós no Hospital uma Capela tão linda, admirada por todos que a visitam – e digo nós porque eu também pertenço à Marinha, à qual estou ligada pelo sangue e pelo coração –, é pena que a Revista se não tenha lembrado de ir até lá tirar uma fotografia, que daria uma bela capa.
«Eu não sou funcionária do Hospital; sou Serva de Nossa Senhora do Carmo, mas presto lá serviço há sete anos.
«(...) Se a Revista for visitar a Capela, o quadro eléctrico para acender as luzes está no lado direito quando se entra; está tapado com um cortinado cinzento.
«Com a plena certeza que V. Ex.ª me vai dar a grande alegria de ver na «nossa» Revista uma fotografia da Capela, desde já me confesso infinitamente grata, desejando para a Revista e para todos que lá trabalham grandes e abundantes bênçãos.
«Com a mais elevada consideração por V. Ex.ª»

N. R. – *Desde já prometemos à Irmã Maria da Conceição que faremos brevemente uma visita à «sua» linda capela.*

Do nosso assinante Arlindo Costa Santos recebemos uma carta de que transcrevemos:

«Foz do Douro, 10 de Setembro de 1975.
«(...) Com um abraço amigo para o senhor comodoro Malheiro do Vale, com quem andei embarcado na velha canhoneira «Zaire» (eu, 2.º-art. n.º 6242, era a bordo «pau para toda a colher», como diz o nosso povo, pois além de artilheiro e encarregado do paiol das munições, era também patrão do gasolina, moço do paiol de géneros, escrevente do detalhe, e nas faltas... sinaleiro), gostaria de fazer o seguinte pedido:
«– Poderia a «nossa» Revista publicar, não só para minha elucidação como para a de outros marinheiros da «velha guarda», o significado das modernas abreviaturas usadas na Armada?
« – Por exemplo, adivinho que MN seja Manobra; FZ Fuzileiro, SG Serviço Geral, mas há muitas outras abreviaturas citadas na «nossa» Revista que não se usavam no meu tempo e que por isso desconheço. No meu caso devem estar muitos outros.
«Com os meus agradecimentos antecipados, subscrevo-me muito atenciosamente.

N. R. – *Julgamos pertinente o pedido e agradecemos e retribuimos o abraço.*
Transcrevemos as letras designativas usadas, oficialmente, na Marinha de Guerra:
Para oficiais: Marinha – M (na prática, para os oficiais de Marinha não é costume utilizar a letra designativa); engenheiros construtores navais – ECN; médicos navais – MN; farmacêuticos navais – FN; engenheiros maquinistas navais – EMQ; administração naval – AN; engenheiros de material – EM (electrotécnicos – EME; electrónicos – EMT; armamento – EMA); serviço geral – SG; serviço especial – SE; fuzileiros – FZ. Para sargentos e praças: Artilheiros – A; electrotécnicos – ET (artilharia ETA; armas submarinas ETS; comunicações ETC); maquinistas navais – MQ; condutores de máquinas – CM; radiotelegrafistas – C; radaristas – R; electricistas – E; torpedeiros-detectores – T; carpinteiros – O; manobra – M; sinaleiros – S; enfermeiros – H; músicos – B; abastecimento – L; mergulhadores – U (mergulhadores-sapadores US; mergulhadores normais UN); fuzileiros – FZ (fuzileiros especiais FZE); mestres clarins – Q; condutores de automóveis – V; taifa – TF (cozinheiros TFH; despenseiros TFD; padeiros TFP). De notar que todos os oficiais dos postos capitão-tenente, de capitão-de-fragata e capitão-de-mar-e-guerra (oficiais superiores) podem ser tratados pela designação genérica de comandantes. No entanto, a tradição continua a fazer com que os oficiais EMQ e ECN sejam tratados por engenheiros e os médicos e farmacêuticos por doutores.

NOVO DIA

O amanhecer.
É um dia novo,
e o Sol que nasce,
aquece.
Com o alvorecer,
o Mundo, o Povo,
de mil emoções
estremece.

Anda, vem cantar,
vive, sê feliz,
o Mundo é teu
sorri!
Diz bem de quem diz,
que a felicidade,
principia mesmo
aqui.

O rio que corre
para o mar sem fim,
mais claro e azul,
agora.
Já perdeu o medo
e diz para os homens,
que é chegada a exacta
hora.

A ave do céu
deixou a montanha,
veio anunciar à
cidade;
com seu canto alegre,
vem dizer que o Homem,
encontrou a
Liberdade.

Esmoriz 2-6-75.
Agostinho Fardilha
Ex-mar. L

Notícias Pessoais

CASAMENTOS

Casamento do 1.º gr. A n.º 25/73, Manuel de Figueiredo Cardoso , com D. Maria Vaz de Carvalho, efectuado no dia 20 de Julho último. A «Revista da Armada» deseja ao simpático casal as maiores felicidades.

Cap.-ten. Jorge Ribeiro de Melo Cunha com D. Maria Helena Dine Henriques Neves, em 24-9-75.

2.º-ten. MN Joaquim Palmeiro Ribeiro com D. Alcina do Amparo Camilo, em 6-9-75.

2.º-ten. SE António Dias dos Santos Maduro com D. Maria Fernanda Serra Teixeira Dias, em 31-8-75.

Subten. FZ RN Joaquim Raul Lourenço Gonçalves com D. Maria de Fátima Ramos Antunes, em 30-8-75.

1.º-sarg. H António Fernandes Gomes Abrantes com D. Maria Natália Gomes de Almeida, em 2-8-75.

1.º-sarg. S Raul da Conceição com D. Irene da Conceição Ramos de Sousa, em 5-8-75.

1.º-sarg. CM Simão José Carvalho Espadinha com D. Vandelina Joaquina Tirana, em 27-8-75.

1.º-sarg. ARE Manuel Pires Gonçalves com D. Maria da Conceição Ribeiro Duarte, em 30-8-75.

1.º-sarg. T José Manuel com D. Maria José Duarte, em 1-9-75.

2.º-sarg. H Carlos Alberto Fernandes Mascarenhas com D. Maria Fernanda da Silva Caldeira, em 27-7-75.

2.º-sarg. ARE Joaquim de Oliveira Nascimento com D. Maria Albertina Gouveia Bento, em 29-7-75.

2.º-sarg. ARE Francisco Fernando Pardal Ramalho com D. Fátima da Conceição Fernandes Barbosa, em 4-8-75.

PASSAGENS À RESERVA

Cap.-frag. EMQ Mário Pinto do Amaral, em 3-7-75.

2.º-ten. SG Valdemar Nogueira Barbosa, em 3-8-75.

Sar.-aj. E Manuel dos Santos Baptista e sarg.-aj. A Alberto das Neves Santos, em 28-8-75; sarg.-aj. UN Virgílio Brito Deodato, em 1-9-75; sarg.-aj. R António Luís Dias Sanches, em 17-9-75.

1.º-sarg. CM João Marques Ribeiro, em 3-8-75; 1.º-sarg. CM Manuel Ferreira de Castro, em 11-8-75; 1.º-sarg. M Virgílio de Oliveira Gonçalves, em 19-8-75; 1.ºs sarg. A Rafael Nunes Peixinho e Manuel Rodrigues Agostinho, em 20-8-75; 1.º-sarg. H Fernando José Coelho, em 28-8-75; 1.ºs-sarg. CM José Pereira Dias e João Dias Coelho, em 1-9-75; 1.º-sarg. A Mário Francisco, em 10-9-75; 1.º-sarg. A Daniel Rodrigues, em 15-9-75.

2.º-sarg. CM Manuel Lopes da Silva, em 20-8-75.

3280/Cabo M Francisco António Caramelo, em 13-8-75; 2708/Cabo E Fernando Manuel Galhardo da Silva, em 20-8-75; 2580/Cabo CM Manuel António Alves, em 21-8-75; 2713/1.º desp. Augusto Soares, em 25-8-75; 2958/Cabo CM Manuel Romão Gomes e 4388/Cabo L António do Patrocínio, em 5-9-75; 1400/Cabo CM Joaquim Moreira Neves, em 12-9-75; 2715/Cabo TFD Aníbal Rodrigues Cardoso, em 16-9-75; 5848/Cabo FZ Tomás de Oliveira Neves, em 17-9-75; 2103/Cabo CM Aníbal Raimundo Gomes Santos, 2132/Cabo CM Arménio Coutada Pereira e 2133/Cabo CM David Gonçalves Merrelho, em 19-9-75; 2174/Cabo CM José Marcelino Ribes Moreira, em 24-9-75.

1914/69/Mar. CM José Mário de Matos Agatão, em 20-8-75; 6766/Mar. TFH Cândido dos Santos Serôdio, em 22-8-75; 2700/69/Mar. FZ Joaquim Fernando Ferreira da Costa, em 9-9-75; 1289/66/Mar. FZ António de Sousa Pina Marinho, em 12-9-75.

APOSENTAÇÕES

João Francisco Raimundo, segundo-oficial do Q. P. C. M. D. N. (M), em 30-9-75.

FALECIMENTOS

Cap.-m.-g. RA José Neves Sales Grade, em 27-9-75.

1.º-ten. SG RF Alfredo Gonçalves Feijó, em 20-8-75.

1.º-ten. SG RF Sabino dos Santos Silveira da Cunha, em 1-9-75.

1.º-ten. SG RF Joaquim Romão Cabrita Gil, em 26-9-75.

2.º-sarg. CM RF Manuel Vitoriano, em 5-7-75.

1268/Cabo L Vasco Neno da Conceição Gomes, em 3-9-75.

2661/Cabo C RF Albano Proença Leonardo, em 27-8-75.

...é antes como bebida, apreciada para o fim do jantar, para companheiro eleito da pequena chávena de café.

Sabe o que é o Conhaque?

Verdadeiramente não deveria escrever «conhaque» mas «COGNAC», que é o nome real da pequena povoação francesa a uns 50 quilómetros para o interior da costa atlântica, conhecido com certeza da Patagónia ao Bantustão. Mas, onde quer que seja, COGNAC não é conhecido como tal. Queremos dizer, como povoação. É antes como bebida, apreciada para fim de jantar, para companheiro eleito da pequena chávena do café, senão também como remédio enganador de mágoas e tristezas de quem tem posses...

O porto de La Rochele, no Atlântico, fora desde a antiguidade, local de carregamento de sal e do vinho áspero da região, um tanto amargo e pouco graduado, mas ao gosto dos nórdicos. No século XVI todavia, o crescimento de comércio mais variado e rico, em Lisboa, consequência dos descobrimentos marítimos, onde não faltava também o sal, e até um vinho de melhor graduação fez declinar rapidamente a importância de La Rochele, ficando o vinho da região a abarrotar nas pipas. Conquanto não grele, como as batatas, o vinho deixado a si mesmo deteriora-se. Lembraram-se então os produtores de o destilar, saindo zurrapa de inferior qualidade a fazer, porém, a delícia dos holandeses que o baptizaram de «brande wijn» (vinho queimado — transferido para o inglês na forma bem conhecida de «brandy»), nem bem vinho, nem bem álcool, que os marinheiros consumiam todavia cortado com mais ou menos água.

Conta-se que um tal senhor Jacques de La Croix, nado e criado em Cognac, preocupado com a qualidade inferior deste produto indefinido, sonhou um dia, ter subido ao céu, e aí S. Pedro lhe ter destinado certo tempo nas marmitas quentes do Purgatório a lavar-se de certas estroinices da juventude. Cumprido o prazo, nem o tempo nem o calor das marmitas, pareciam ter-lhe purificado a alma, e S. Pedro renovou-lhe a penitência. Este segundo aquecimento, sim, deixou-o limpo de toda a impureza e o Paraíso então abriu-lhe as portas. Tal sonho sugeriu ao vinhateiro de aplicar a receita de S. Pedro à destilaria da aguardente, e da segunda vez que o líquido passou pelo alambique transformou-se em produto de muito melhor aroma e paladar.

Para prova real de qualidade o senhor de La Croix enviou pequeno pipo de amostra ao mosteiro que ficava próximo. Porém, o superior, receando pela salvação dos frades, mandou esconder a vasilha nos esconsos de um telhado. Anos depois descobriram-na. O conteúdo havia-se reduzido a metade. Ganhara uma cor dourada, de âmbar, o gosto suavizara-se, despendia vapores de uma fragrância subtil e rica.

Foi um sucesso. O «cognac» estava descoberto, entrava na história como bebida que havia de ser famosa.

No século XVIII, já se transformava quase todo o vinho branco (e fraco) da região em aguardente que envelhecia depois em cascos de aduelas de carvalho atadas com vergôn-

teas de acácia. Volvidos quase três séculos ainda a destilação se faz no mesmo tipo de alambique — caldeiras de cobre e serpentina — com a presença dia e noite do alambiqueiro que cuida especialmente do fogo, nem mais vivo, nem mais mortiço, sob pena de arrasar com isso a qualidade. O vinho introduzido na caldeira é suavemente levado à ebolição, despendendo vapores que se condensam na serpentina, para caírem depois, gota-a-gota, numa vasilha de recolha. Este primeiro aquecimento demora oito horas, produzindo uma aguardente de 25 a 30 graus, que é de novo destilada, a fogo brando, por cerca de doze horas.

A qualidade obtida na fase inicial da destilação, como também na fase final, é inferior à da produção intermédia, sendo obra de perito saber distinguir onde esta acaba e começa. A arte do alambiqueiro está na graduação do fogo da fornalha e nessa rejeição do primeiro e do último líquido destilado, em decisão de mestre.

A aguardente vai imediatamente para o casco onde começa a envelhecer. A madeira de carvalho seca de, pelo menos, três anos, dificulta a evaporação do álcool, promovendo como que uma reacção interna lenta, demorando de 3 a 20 anos, onde o técnico tem intervenção importante. No primeiro ano a aguardente pode ficar em casco mais recente, mas depois é transfegada para casco velho, até uma última passagem a casco muito velho onde se junta com outros tipos, a ganhar o «toque» final de qualidade e marca que a tornarão apreciada. Incolor e transparente à saída do alambique, adquire com o tempo o conhecido tom de âmbar mais ou menos acentuado, perdendo aquele pico agressivo do paladar, para se tornar suave, macia, conquanto forte e encorpada.

Ao contrário do vinho, que requer a tranquilidade de um tonel em adega mais ou menos resguardada e isotérmica, a aguardente envelhece melhor em locais de amplas variações térmicas, e aprecia ser remexida, transferida em pipa de lugar para lugar. Cada ano perde por evaporação cerca de 4% de peso e 1 grau de índice alcoólico. Esta evaporação faz enegrecer os caibros e vigas dos telheiros, ataca e apodrece as telhas, escurece as casas da região, e requer, evidentemente que se atestem, cada ano, os níveis dos tonéis. É o preço da maturação preciosa, obra seguida com desvelos por gerações que lhe dedicam vidas inteiras, e fizeram nomes como Remy Martin, Courvoisier, Henessy, Martell, Bisquit e outros. Não são na verdade os vinhateiros quem envelhece os conhaques. Estes são vendidos após o fabrico para aqueles grandes armazéns, onde o envelhecimento encontra os seus peritos, com arte e saber muito especiais. Arte na selecção de compra, arte nas provas de gosto e aroma, saber nas operações de aperfeiçoamento, nas dosagens para o «toque» de individualização final, aquele que o tornará conhecido, favorito dos seus devotos. Um ano ou dois ainda para a aguardente abrir, já na mistura definitiva, e passa às garrafas, onde as estrelas coroam a qualidade como promoção bem merecida (e amadurecida...).

A par das estrelas são também comuns designações em abreviaturas, como V. O. (Very Old) ou V. S. O. P. (Very Superior Old Pale), que garantem uma idade do mais jovem membro da mistura nunca inferior a quatro anos, representando uma idade média da aguardente dos 4 aos 15 anos. Designações especiais, todavia, dão melhor ideia do envelhecimento: «Cordon bleu», «Napoleon», «Grand Champagne» e outros consoante as marcas. Há também conhaques de 50 anos e mais de envelhecimento, com custos, por garrafa, da ordem dos dois mil escudos. (Mas é melhor passar adiante...)

Alguns conhaques contam já no seu fabrico com trabalho dedicado e transmitido de pais a filhos por gerações sucessivas, em que a honestidade, a par da técnica e de uma sensibilidade muito suas, produziram esse primor de gosto e de requinte que o mundo inteiro aprecia... e compra.

Se não fossem os descobrimentos dos portugueses, talvez a região de Cognac ainda estivesse produzindo vinho de qualidade vulgar, exportado a baixo preço. Mas o aproveitamento inteligente e confirmado (aquele sonho do senhor de La Croix não foi apenas uma história, foi também inteligência) de um produto secundário para um produto de alta qualidade honestamente mantida e garantida, fizeram esse «milagre» que foi o conhaque traduzir-se em ouro. E as vinhas da região de Cognac tratadas com os desvelos de um jardim, renques alinhados e paralelos de videiras por mais de 70 000 hectares atestam essa dedicação e inteligência.

S. Machado
Cap.-m.-g.

Saibam Todos

Que por acordo entre a ADMA (Assistência na Doença aos Militares da Armada) e a Direcção-Geral dos Hospitais, os beneficiários da ADMA poderão, mediante procedimento muito simplificado, utilizar os hospitais civis do Continente e Ilhas Adjacentes em todas as modalidades de assistência médico-sanitária que os mesmos estejam preparados para prestar, quer em regime de internamento, quer em regime ambulatório.

Que beneficiarão do presente acordo, além do pessoal do Activo e seus familiares, todo o pessoal da Reserva e da Reforma, familiares e viúvas que residam ou se encontrem acidentalmente na província e que estão constituindo o único sector social do País completamente desprovido de assistência médico-sanitária, situação particularmente grave numa fase da vida

em que tal assistência é imprescindível.

Que a admissão do doente far-se-á mediante, apenas, a apresentação do cartão de identificação da ADMA e do processo clínico, do qual deverão constar todas as indicações que possam ser dadas pelo médico assistente e os elementos de diagnóstico obtidos.

Que serão admitidos de urgência, sem dependência do processo clínico, os beneficiários que se apresentem nos hospitais com afecções cuja manifesta gravidade imponha internamento imediato.

Que o beneficiário não terá que fazer qualquer pagamento ao hospital pois este se encarregará de solicitar directamente à ADMA a liquidação do seu débito. Posteriormente, a ADMA obterá do beneficiário a comparticipação que lhe competir pelas tabelas em vigor.

Que os estabelecimentos hospitalares abrangidos pelo mencionado acordo o são os seguintes:

DISTRITO DE AVEIRO:

Hospitais distritais de Aveiro e Oliveira de Azeméis. Hospitais concelhios de Águeda, Albergaria-a-Velha, Anadia, Arouca, Castelo de Paiva, Espinho, Estarreja, Feira, Ílhavo, Mealhada, Murtosa, Oliveira do Bairro, Ovar, Sever do Vouga, Vagos e Vale de Cambra.

DISTRITO DE BEJA:

Hospital Distrital de Beja. Hospitais concelhios de Aljustrel, Almodovar, Alvito, Barrancos, Castro Verde, Cuba, Ferreira do Alentejo, Mértola, Moura, Odemira, Ourique, Serpa e Vidigueira.

DISTRITO DE BRAGA:

Hospitais distritais de S. Marcos de Braga, Barcelos, Vila Nova de Famalicão e Guimarães. Hospitais concelhios de Amares, Cabeceiras de Basto, Esposende, Esposende-Fão, Fafe, Guimarães-Vizela, Póvoa do Lanhoso, Terras do Bouro, Vieira do Minho e Vila Verde.

DISTRITO DE BRAGANÇA:

Hospitais distritais de Bragança e Mirandela. Hospitais concelhios de Alfândega da Fé, Carrazeda de Anciães, Freixo de Espada à Cinta, Macedo de Cavaleiros, Miranda do Douro, Mogadouro, Torres de Moncorvo, Vila Flor, Vimioso e Vinhais.

DISTRITO DE COIMBRA:

Centro Hospitalar de Coimbra: Hospital Geral da Colónia Portuguesa do Brasil, Obra de Assistência Materno-Infantil Dr. Bissaya Barreto e Hospital Pediátrico de Celas.

Hospitais da Universidade de Coimbra.

Hospital Distrital da Figueira da Foz: Hospital Distrital Polivalente, Hospital Ortopédico e Casa da Mãe, da Figueira da Foz.

Hospitais concelhios de Arganil, Cantanhede, Condeixa-a-Nova, Góis, Lousã, Mira, Miranda do Corvo, Montemor-o-Velho, Oliveira do Hospital, Pampilhosa, Penacova, Penela, Soure, Tábua e Vila Nova de Poiares.

DISTRITO DE ÉVORA:

Hospitais distritais de Évora e Elvas. Maternidade Mariana Martins — Elvas. Hospital Infantil de S. João de Deus — Montemor-o-Novo. Hospitais concelhios de Alandroal, Arraiolos, Borba, Estremoz, Montemor-o-Novo, Moura, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Vendas Novas, Viana do Alentejo e Vila Viçosa.

DISTRITO DE FARO:

Hospitais distritais de Faro e Portimão. Hospitais concelhios de Albufeira, Alcoutim, Aljezur, Castro Marim, Lagoa, Lagos, Loulé, Monchique, Olhão, S. Brás de Alportel, Silves, Tavira, Vila do Bispo e Vila Real de St.º António.

DISTRITO DA GUARDA:

Hospitais distritais da Guarda e Covilhã. Hospitais concelhios de Aguiar da Beira, Almeida, Celorico da Beira, Figueira de Castelo Rodrigo, Fornos de Algodres, Gouveia, Manteigas, Mêda, Pinhel, Sabugal, Seia, Trancoso e Vila Nova de Foz Côa.

DISTRITO DE LEIRIA:

Hospitais distritais de Leiria e Caldas da Rainha. Hospitais concelhios de Alcobaça, Alvaiázere, Ansião, Batalha, Bombarral, Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Nazaré, Óbidos, Pedrógão Grande, Peniche, Pombal e Porto Mós.

DISTRITO DE LISBOA:

Hospital de Santa Maria. Hospitais Civis de Lisboa: Arroios, Curry Cabral, Desterro, D. Estefânia, Santa Marta, Santo António dos Capuchos e S. José. Maternidades de Santa Bárbara e Magalhães Coutinho. Pavilhão de Hospitalização Anti-Difteria no Instituto Bacteriológico Câmara Pestana. Maternidade Dr. Alfredo da Costa. Hospitais Infantil de S. Roque (Pediatria), Sant'Ana — Parede e Ortopédico N. S. de Fátima - Parede. Centro de Medicina de Reabilitação-Alcoitão. Hospitais distritais de Cascais, Vila Franca de Xira e Torres Vedras.

Hospitais concelhios de Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cadaval, Loures, Lourinhã, Mafra, Oeiras, Sintra e Sobral de Monte Agraço.

DISTRITO DE PORTALEGRE:

Hospital distrital de Portalegre. Hospitais concelhios de Alter do Chão, Arronches, Avis, Campo Maior, Castelo de Vide, Crato, Fronteira, Gavião, Marvão, Monforte, Nisa, Ponte de Sor e Souzel.

DISTRITO DO PORTO:

Hospital Escolar de S. João e Hospital Geral de Santo António. Maternidade Júlio Dinis. Hospital Joaquim Urbano (Infecto-Contagiosas). Associação do Hospital de Crianças Maria Pia (Pediatria). Hospitais distritais de Matosi-

nhos, S. João da Madeira e Vila Nova de Gaia. Hospitais concelhios de Amarante, Baião, Felgueiras, Gondomar, Lousada, Maia, Marco de Canavezes, Paços de Ferreira, Paredes, Penafiel, Póvoa de Varzim, Santo Tirso, Valongo e Vila do Conde.

DISTRITO DE SANTARÉM:

Hospitais distritais de Santarém, Abrantes, Tomar e Torres Novas. Hospitais concelhios de Alcanena, Almeirim, Alpiarça, Benavente, Cartaxo, Chamusca, Constância, Coruche, Entroncamento, Ferreira do Zêzere, Golegã, Mação, Rio Maior, Salvaterra de Magos, Sardoal, Vila Nova da Barquinha e Vila Nova de Ourém.

DISTRITO DE SETÚBAL:

Hospitais distritais de Setúbal, Almada e Barreiro. Hospitais concelhios de Alcácer do Sal, Alcochete, Grândola, Moita, Montijo, Palmela, Santiago do Cacém, Seixal, Sesimbra e Sines.

DISTRITO DE VIANA DO CASTELO:

Hospital distrital de Viana do Castelo. Hospitais concelhios de Arcos de Valdevez, Caminha, Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Ponte da Barca, Ponte de Lima, Valença e Vila Nova da Cerveira.

DISTRITO DE VILA REAL:

Hospitais distritais de Vila Real, Chaves e Lamego. Hospitais concelhios de Alijó, Boticas, Mesão Frio, Mondim de Basto, Montalegre, Murça, Pêso da Régua, Ribeira da Pena, Santa Maria de Penaguião, Sabrosa, Valpaços e Vila Pouca de Aguiar.

DISTRITO DE VISEU:

Hospital distrital de Viseu, Hospitais concelhios de Armamar, Carregal do Sal, Castro Daire, Cinfães, Mangualde, Moimenta da Beira, Mórtagua, Nelas, Oliveira de Frades, Penalva do Castelo, Penedono, Resende, Santa Comba Dão, Sátão, S. Pedro da Pesqueira, S. Pedro do Sul, Sernancelhe, Tabuaço, Tarouca, Tondela, Vila Nova de Paiva e Vouzela.

DISTRITO DO FUNCHAL:

Centro Hospitalar do Funchal: Hospitais dos Marmeleiros e Anexo Hospitalar do Dr. João de Almada.

DISTRITO DE PONTA DELGADA:

Hospital Distrital de Ponta Delgada.

DISTRITO DE ANGRA DO HEROÍSMO:

Hospital Distrital de Angra do Heroísmo.

DISTRITO DA HORTA:

Hospital Distrital da Horta.

Que as autorizações para tratamento no estrangeiro de militares ou seus familiares, serão resolvidos caso por caso, por decisão a tomar pelo ramo a que pertence o militar.

Que a deslocação ao estrangeiro só pode ser autorizada quando exista declaração médica comprovativa de que a mesma se justifica por falta de meios de tratamentos no País ou por se terem esgotado os existentes.

Que as despesas serão comparticipadas nos seguintes termos:

1. Assistência sanitária (assistência médica, medicamentosa, intervenções cirúrgicas, tratamentos, etc.) - mediante comparticipação de 80% das despesas efectuadas;

2. Despesas de alimentação e alojamento — Mediante comparticipação de 80% das despesas efectuadas;

3. Transportes — Despesa efectiva até ao limite máximo de 3$00. por quilómetro;

4. Despesas de acompanhantes — São comparticipadas nos termos anteriores, quando exista declaração médica de que o acompanhamento é indispensável por razões físicas ou mentais;

Que o excedente das comparticipações, em face da sua natureza vultosa, poderá ser reduzido ou dispensado em condições especiais que mereçam a concordância do titular do departamento, de harmonia com o estabelecido no n.º 18 da Portaria n.º 67/75, de 4 de Fevereiro, do Conselho dos Chefes dos Estados-Maiores das Forças Armadas.

— (Vide Despacho de 10 de Junho do Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, que reforça ainda as despesas com a assistência sanitária prestada aos militares e civis portugueses em serviço no estrangeiro).

Que os ex-marinheiros do 8 de Setembro, cujos nomes constam no n.º 36 da «Revista da Armada», e cumpriram penas de prisão no Tarrafal, estão a ser reintegrados na situação de Reserva, e serão promovidos sucessivamente ao posto que teriam se tivessem continuado ao serviço.

Que durante o período de funcionamento experimental da Agência Bancária da Base Naval (Alfeite), o seu horário será o mesmo da generalidade das instituições bancárias para abertura ao público, ou seja das 09,00 às 12,00 e das 14,00 às 15,30 horas.

NOVOS SELOS PORTUGUESES

Para assinalar o 30.º aniversário da ONU – Organização das Nações Unidas – que este ano ocorreu, entrou em circulação em 17 de Setembro a série que reproduzimos. De belo efeito e interessante sob todos os aspectos, o conjunto resultou de um concurso público que despertou muito interesse entre os nossos artistas e que foi ganho por Luís Filipe de Abreu. Cremos não ser necessário fazer referências à Organização festejada, já que é bem conhecida de todos. Preferimos falar do concurso que motivou estes selos que, não sendo inédito, mais uma vez, e salvo melhor opinião, demonstrou ser uma das mais válidas formas de conseguir selos que, como todos sabemos, são mensageiros entre os povos, , indo ser apreciados e discutidos em muitos pontos do Mundo. E esta série, estamos certos, será apreciada, pois, dignifica a Filatelia Nacional.

Ainda em Setembro – precisamente no dia 26 – outra magnífica série foi posta a circular. Esta, com os quatro valores que reproduzimos, e que comemora o XXVI Congresso da I. A. F. – International Astronautical Federation – que se realizou em Lisboa. De salientar o facto de as dimensões de um dos selos serem diferentes das dos outros que completam a série, o que, quanto a nós, a valoriza extraordinariamente. De referir ainda a beleza dos desenhos, na verdade perfeitos e muito expressivos. Acreditamos que irão ter o melhor acolhimento até por serem os primeiros em Portugal dedicados ao tema Astronáutica, já muito divulgado e apreciado em todo o Mundo.

A astronáutica, também conhecida por cosmonáutica, ocupa-se da Arte e da Ciência de viajar no espaço extra-terrestre e teve nos últimos anos um desenvolvimento verdadeiramente notável. A I. A. F., fundada há 26 anos, realiza anualmente o seu Congresso, que reune cientistas, técnicos, investigadores de engenharia e medicina e de muitos outros sectores que em ambiente de confraternização procuram expandir os seus conhecimentos. Lisboa foi a cidade escolhida este ano, o que originou um movimento de projecção e interesse mundial, justificadamente distinguido pelos nossos CTT.

AINDA
A SÉRIE PORTUGUESA
«NATAL 1974»

A revista filatélica «Franquia», que com o maior interesse e regularidade continua a chegar às mãos dos interessados na filatelia, noticia num dos seus últimos números que a série portuguesa «Natal 1974» foi distinguida com o prémio internacional S. Gabriel, anualmente atribuído em Veneza, Itália, ao melhor conjunto do tema Religião emitido no mundo em cada ano.

Trata-se, sem dúvida, de um honroso galardão para a nossa filatelia a demonstrar insofismavelmente que os selos postais podem e devem intervir através da sua concepção para a divulgação dos méritos artísticos de um povo.

De parabéns estão pois todos os filatelistas portugueses graças aos responsáveis dos Serviços Artísticos dos CTT, no ano referido, e ao artista Abílio de Matos Silva a quem se ficou a dever tão apreciado trabalho que na devida altura salientámos nesta página.

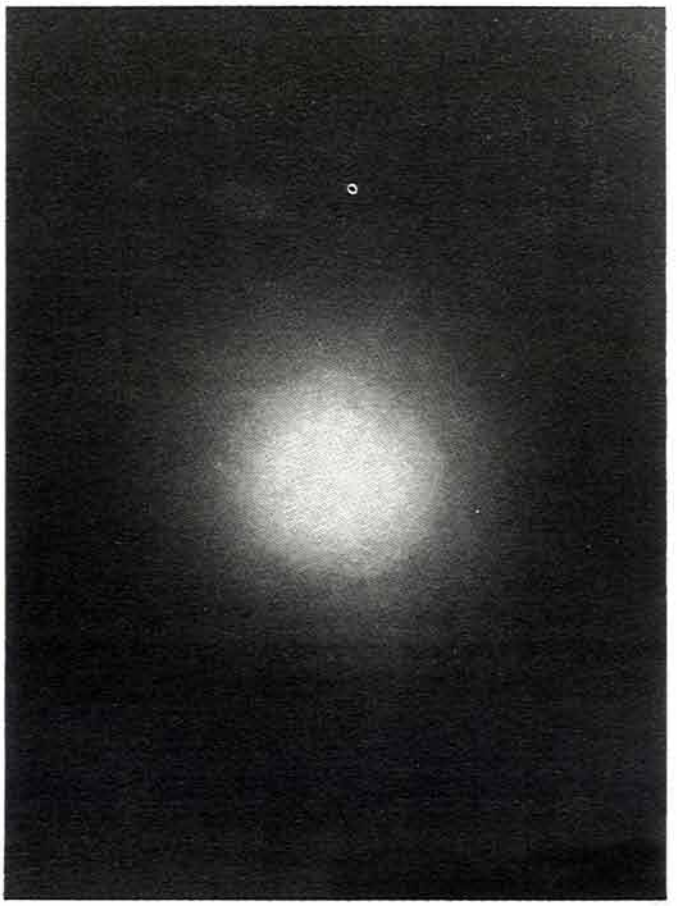
G. Brandão
2.º-ten. SG

Novidade astronómica
A Estrela Betelgeuse fotografada com diâmetro aparente

Sempre se aceitou como uma verdade axiomática que as estrelas dão imagens pontuais qualquer que seja o telescópio usado. Nem o mais potente deles consegue obter imagens de estrelas com diâmetro aparente, excepção feita do Sol.

Hoje, este princípio foi ultrapassado. Os astrónomos do Observatório Nacional do Kitt Park nos E. U. A. acabam de comunicar que obtiveram uma imagem com resolução circular de uma estrela distante. Além disso, verificaram que uma análise atenta dos dados registados, revela determinados aspectos da superfície que fazem lembrar o tipo de convecção que se observa na superfície do Sol. Trata-se da estrela Alpha Orionis, conhecida pelo nome Betelgeuse, uma das mais brilhantes do céu. Os astrónomos utilizaram, para o efeito, uma nova técnica interferométrica com o telescópio de 158 polegadas, o segundo maior do mundo, ao serviço há menos de dois anos.

Na nova técnica, o tempo de exposição é muito curto de forma a minimizar as distorsões provocadas pela turbulência atmosférica. Utilizaram um intensificador de imagem especial e as fotografias obtidas foram processadas por meio de computador. Supõe-se que o aspecto ligeiramente «mosqueado» da superfície, na fotografia final que se obteve, seja devido a diferenças térmicas semelhantes, em estrutura, às grandes zonas de gases mais quentes ou mais frios que se notam na superfície do Sol. Os trabalhos de investigação continuam para desvendar os segredos de Betelgeuse, cujo diâmetro é umas 800 vezes maior que o do Sol.



BETELGEUSE, uma estrela gigante a cerca de 500 anos-luz da Terra, é vista, nesta fotografia, como uma imagem circular de contornos distintos.

O. Lemos
Cap.-frag

Conv
entre Mar
da «NAU d

Conversa conduzida pelo com. M. do Vale. Fotos do 2.°-sarg. CM R. Magalhães.

Intervenientes: «Revista da Armada» (R. A.), Helena Bonjour (H. B.), Maria Odete Rebelo (M. O.) e Isabel Bandeira (I. B.).

Este convés da «Nau» é um poço sem fundo... Tal como sucede nos navios autênticos, é local de passagem de toda a guarnição. Não há quem ali se não encontre; é uma questão de oportunidade...

Até agora temos abordado, quase exclusivamente, antigos e actuais marinheiros, homens de rosto vincado pelos temporais e pele curtida pelo vento dos sete mares. Mas, e felizmente que assim é, não temos só caras destas na Marinha; temos outras muito diferentes. São as... (surge aqui a dificuldade de lhes dar uma designação apropriada). Marinheiros de saias? Não, porque a maior parte delas até usa calças... Marinheiros de cabelos compridos? Não, porque nós também usamos... Marinheiros de tacão alto? Não, pelo mesmo motivo... bem, à falta de melhor inspiração, poderemos incluí-las na antiquíssima categoria dos «marinheiros de água doce» que, como toda a gente sabe, são os que não vão ao mar...

Comecemos por esta senhora que é nossa colaboradora desde que «assentou praça», vai em quatro anos. Chama-se Helena Luísa Miranda Coentro Bonjour. É funcionária eventual da DSEC. Trabalha no Depósito de Material Radiotelegráfico, no Alfeite, e nas suas horas vagas... faz versos.

R. A. – Em qualquer ocasião?

H. B. – Sinto-me sobretudo inspirada nos momentos de desânimo e de tristeza. Por princípio sou optimista e encaro a vida a sorrir. Por vezes, no entanto, sinto uma enorme angústia de viver, porque acho que o mundo devia ser mais belo, com pessoas mais bondosas e que se amassem mais.

«Aliás, para mim, o amor é a própria vida! Quem não ama não vive; limita-se a vegetar. O que é pena é o amor existir cada vez menos. Sinto que a humanidade anda sedenta dele; precisa muito de amor!

«É pois nos momentos de insatisfação e depressão que escrevo os meus versos. Quando me sinto feliz não tenho inspiração...

R. A. – E quando é que começou a fazer versos?

H. B. – Comecei aos 15 anos – como quase toda a gente – mas, considero agora infantis os versos que fiz nessa altura.

«Mais ou menos quando tinha 25, um meu irmão, oficial da Armada e também poeta, depois de ter lido alguns dos meus poemas, aconselhou-me a concorrer aos Jogos Florais de Nova Lisboa, o que fiz, ganhando o 2.° prémio. Este meu primeiro êxito foi um grande incentivo e nunca mais parei! Já recebi promessas de auxílio de alguns poetas consagrados mas, até agora, nenhuma se concretizou...

«Além destes Jogos, concorri a outros onde fui também premiada. Tenho muitos trabalhos publicados em vários jornais.

R. A. – Que diz aos desenhos com que o comandante Sousa Machado tem ilustrado alguns dos seus versos na Revista?

H. B. – Considero o comandante um óptimo desenhador e já tinha manifestado esta opinião por carta que lhe escrevi. Aliás, para mim, um poeta não é só a pessoa que faz versos; é também quem sente e sabe exprimi-lo de qualquer maneira. Assim, o comandante Sousa Machado é também poeta na maneira como sente e ilustra os meus versos.

R. A. – Quais são os seus temas preferidos?

H. B. – Procuro sempre fugir a escrever sobre mim própria. Os meus versos reflectem um certo estado psicológico. Por exemplo, e como já afirmei, nos momentos de solidão é que mais escrevo.

«Para mim, existe uma solidão que amo e outra que detesto. A que amo é feita do silêncio e segurança existentes nas paredes da minha casa; a que detesto é a que me acontece no meio de muita gente, a solidão que dói, aquela que sentimos no nosso sangue, nas ilusões desfeitas, nas mãos vazias...

versa
inheiros...
de PEDRA»

«Por vezes sou levada a escrever por pequenas coisas que observo ou vejo nas pessoas; um gesto, um sorriso, um olhar...

«Idealizo os seus pensamentos e anseios.

«Não consigo gostar de pessoas que se julgam perfeitas. Não as acho humanas. Sua virtude é algo de estagnado e morto. Não sabem amar nem viver.

«Gosto das pessoas corajosas, das que vivem de rosto voltado para o Sol.

R. A. – Pela correspondência recebida na Revista, cheguei à conclusão de que somos uma Marinha de poetas! Não calcula quantos marinheiros nos enviam versos para publicação. O que pensa disto?

H. B. – O nosso Povo é poeta por temperamento. Há que distinguir, no entanto, entre o verdadeiro poeta que sabe transmitir as suas impressões, e aqueles que não possuem esse dom. Este saber é intrínseco, nasce com a pessoa, tal como o escrever, o cantar, etc.

«Acredito ainda que as pessoas infelizes têm mais propensão para a poesia, que não se «casa» com a vida fácil e sem dificuldades... eu, por exemplo, perdi o pai aos 5 anos de idade e fiquei profundamente marcada pelo desgosto e pela sua falta. Gerou-se em mim um enorme sentimentalismo.

«Daí, a minha grande afectividade por certas coisas como: a minha casa, o Sol a nascer, a chuva a cair, o meu emprego, a minha liberdade de ler, de dançar, de ouvir música e de escrever poesia; o meu carinho pela mãe, pelos irmãos, pela memória do pai, pelas crianças, pelos velhos, pelas pessoas que me fazem feliz... Acima de tudo, porém, gosto de VIVER!

«Para mim, viver apenas para evitar sofrer, não é viver. Viver é arriscar constantemente. É ganhar e perder. É sentir a carne a sangrar, o espinho na alma, o peito rasgado, o acordar doloroso dos nossos sonhos mais secretos. Mas viver é também a alegria, a alegria autêntica, aquela que nos percorre as veias como um hino de amor. É poder olhar de frente alguém que amamos e agradecer baixinho a Deus a suprema ventura de estarmos vivos.

«Mas, assim como sou capaz de amar sou também capaz de detestar... sim, detesto os embustes, os olhares oblíquos, os murmúrios de maledicência, o cinismo, a ganância e o oportunismo, o vento a soprar; os cobardes, os indecisos, os que não sabem trilhar um rumo certo e seguro; a guerra, o ódio e a incompreensão entre os homens...

R. A. – Projectos futuros?

H. B. – Gostaria de publicar um livro de versos. As dificuldades a vencer são, no entanto, insuperáveis. Uma edição é muito cara...

R. A. – Qual dos seus poemas lhe agrada mais?

H. B. – Um a que dei o nome de «Inquietação», que foi premiado nos Jogos Florais de Castelo de Vide e com o qual mais me sinto identificada. Ei-lo:

INQUIETAÇÃO

Não quero viver, morrendo,
sentada ao canto da sala
com o corpo apodrecendo.
Tricotando e construindo
com dedos convencionais,
rituais, sem liberdade,
as roupagens burocratas
que abafam nossa verdade.
Não quero esta cinza fria
dos meus sonhos calcinados,
sentindo os pés amarrados
às raízes que limitam
meus ideais decepados.
Não quero esta asfixia.
Este cheiro a cemitérios.
Este gemer de vencidos.
Não quero sombras de abrigos.
Quero os abismos, os perigos,
alvoradas e mistérios,
segredos belos, risonhos.
Não quero a trave da forca
onde está dependurado
o cadáver dos meus sonhos.
Quero caminhar para ALÉM.
Onde haja aves, espaços.
Onde não espere ninguém.
Encharcar-me de luar
sentir de novo a infância
a romper primaveril
na coluna dos meus braços
na manhã do meu olhar.
Quero cantar e voar,
sem ter encontros marcados,
nem contratos a cumprir.
Deixem-me ser como sou,
não me tentem definir.
Não quero algemas nos pulsos,
grilhetas nos tornozelos.
Quero a VIDA. Só a VIDA.
Seguir, dela, seus impulsos,
escutar-lhe seus apelos.

Quero ir não sei para onde
Quero ter não sei o quê
Quero TUDO o que meu olhar
deseja ver e não vê.

Temos a honra de apresentar aos nossos leitores... a «Voz da Armada». Efectivamente pode dizer-se que toda a Marinha conhece esta senhora... de ouvido!

Atenção Bissau... atenção Lourenço Marques... atenção Luanda... atenção Funchal... atenção Ponta Delgada... atenção (todos os navios fora da Metrópole)... Aqui Lisboa...

Clara e límpida umas vezes, sumida e roufenha outras, a sua voz tem chegado a todos os mares e a todos os continentes, levando aos marinheiros que por lá andam ordens superiores e notícias da família. É uma voz sempre bem-vinda!

Não trabalha na «Nau». Está em diligência na Estação Radionaval «Comandante Nunes Ribeiro» (Algés). Por isso, foi convocada para esta conversa por mensagem... telefónica.

M. O. – Chamo-me Maria Odete Simões de Matos Baltazar Rebelo, operadora de rádio-telefone da Central Receptora de Algés. Sou casada com Alfredo Baltazar Rebelo, também funcionário da Marinha – adjunto do chefe da rede telefónica do Ministério.

R. A. – Muito trabalho?

M. O. – Agora menos, por terem acabado as comunicações com a Guiné e Moçambique e, dentro em breve ainda menos, por acabarem também as de Angola...

R. A. – Gosta do seu serviço?

M. O. – Gosto imenso. Tem-me proporcionado o ensejo de conhecer muita gente e criar muitas amizades. Sou procurada, com frequência, por pessoas que regressam do Ultramar e me querem conhecer pessoalmente. Houve até um sargento da Armada Brasileira, com o qual tinha comunicações, que esteve em Lisboa e me quiz ver.

R. A. – Eu diria que Você está a ser modesta, pois sei que a procuram, não só para a conhecer, mas também para lhe agradecer a maneira como se interessa pelos problemas de todos que a si recorrem... assim é que está certo!

M. O. – Apenas procuro cumprir...

R. A. – Alguma vez notou da parte dos operadores das antigas colónias, nervosismo nas comunicações?

M. O. – Nunca. Apenas nestes últimos tempos se nota qualquer coisa nos de Luanda. E compreende-se...

«Navegava» eu tranquilamente, rumo à Revista, quando avistei esta senhora pela «proa». Em virtude da minha velocidade ser superior à dela, breve a alcancei e, antes de «guinarmos» cada um para seu «bordo», cheguei à fala.

R. A. – Somos da Revista, importa-se?

I. B. – Nada, tenho até muito prazer...

R. A. – Você é do Bem-Estar, não é?

I. B. – Sou. Chamo-me Isabel Maria Amaral Bandeira, 3.º oficial do Q. P. C. M. M. Tenho 22 anos e sou casada.

R. A. – Nós já fomos à sua Repartição, conversar com algumas das pessoas que lá trabalham mas, isso não impede que falemos agora consigo, tanto mais que sabemos que Você é muito estimada por todos os inúmeros «fregueses» da Repartição... De que assunto trata?

I. B. – Como quase todas as funcionárias do Bem-Estar, «topo a tudo»!

«As pessoas vão lá tratar dos mais variados assuntos e nós, indiscriminadamente, atendêmo-las o melhor que podemos e sabemos. É este o lema da 5.ª...

R. A. – Vou dizer-lhe uma coisa que Você com certeza desconhece: o facto de termos as portas uma ao lado da outra, está a causar-nos muita perturbação... não imagina quantas pessoas vêm enganadas!

– Vinha por causa do cartão... vinha por causa de um transporte... vinha receber uma comparticipação...

– Não é aqui, é ao lado.

– Qual lado?

«E é isto todo o santo dia, apesar de nós termos um letreiro e vocês terem outro, e, entre as duas portas, haver ainda um terceiro com uma grande seta a indicar a direcção do Bem-Estar.

«Nem sei que hei-de fazer mais! Naturalmente, vou ainda pôr mais um dizendo: «Aqui não é o Bem-Estar, é a Revista da Armada. O Bem-Estar fica 5 jardas a Estibordo...» Talvez assim acabe este fadário!

R. A. – Desde quando está na Marinha?

I. B. – Apenas desde Novembro de 71. Sou ainda muito novata... apesar disso, já servi em três situações: no Hospital da Marinha, na Intendência dos Serviços de Administração Financeira e agora no Bem-Estar, que é, como o nome sugere, onde estou bem! Gosto de ser útil às pessoas e aqui sinto que o sou...

R. A. – Já agora, se não se importa, tiramos-lhe a fotografia junto à porta da Repartição, para que os leitores da Revista, pelo menos esses, vejam onde é. Sim, porque isso de nos virem bater à porta, desculpando-se que à entrada disseram que «O Bem-Estar é lá ao canto...» tem de acabar!

Desporto

Torneio da Armada de Futebol de Cinco

Equipa A do Comando de Segurança e Defesa do Edifício do Ministério da Marinha

Equipa B da fragata «Comandante João Belo»

Organizado pela Direcção do Serviço de Educação Física está-se a disputar o Torneio de Futebol de Cinco – 1975, para o qual se inscreveram 52 equipas representativas de 32 unidades ou serviços. As equipas foram divididas em 10 séries de apuramento, cujos jogos devem ter-se realizado de 6 a 15 de Outubro, desconhecendo-se os respectivos resultados, à data em que escrevemos este apontamento. De cada série foram apurados os 1.º e 2.º classificados. Estas equipas foram agrupadas em 4 séries de 5 equipas, em que serão apuradas 8 que, finalmente, disputarão entre si, em jogos a eliminar, o título de vencedor do Torneio.

Concorreram a esta competição as seguintes unidades e serviços:

N. R. P. «Comandante João Belo» (2 equipas), N. R. P. «Almirante Pereira da Silva» (2 equipas), N. R. P. «Jacinto Cândido», N. R. P. «Almeida Carvalho», N. R. P. «Geba», N. R. P. «Afonso de Albuquerque», Comando da Segurança e Defesa do Edifício do Ministério da Marinha (3 equipas), Esquadrilha de Submarinos (4 equipas), Instalações Navais de Alcântara (2 equipas), Direcção do Serviço de Educação Física, Escola de Fuzileiros, Direcção das Construções Navais, Hospital da Marinha, Estação Radionaval «Comandante Nunes Ribeiro» (Algés), Direcção do Ser-

Equipa da Esquadrilha de Submarinos

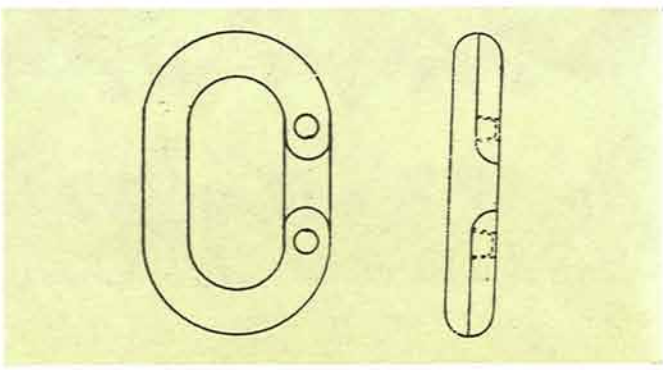
Equipa da Direcção do Serviço de Electricidade e Comunicações.

viço de Armas Navais (2 equipas), Força de Fuzileiros do Continente (2 equipas), Direcção do Serviço de Electricidade e Comunicações, Flotilha de Patrulhas, Direcção do Serviço de Abastecimento (2 equipas), Escola Naval (2 equipas), Comissões Coordenadoras, Companhia de Fuzileiros n.º 1 (CF1), CF2 (2 equipas), CF3 (2 equipas), CF4 (2 equipas), CF6 (2 equipas), CF8, CF11 (2 equipas), CF13 (2 equipas) e Destacamento de Fuzileiros Especiais n.º 12 (2 equipas).

M. Horta
Sarg-aj. L.

Terminologia Naval

ELO DE PATENTE – Argola, geralmente de forma elíptica, composta por duas metades que encaixam e cravam uma na outra, formando as amarras e as correntes.



EMANGUEIRAR – Forrar de lona ou cabo qualquer objecto para efeito de protecção ou para lhe dar melhor aspecto.

EMBAÇAR – Meter propositadamente qualquer objecto no gorne de uma peça de poleame de modo a impedir que o cabo nele gornido possa correr.

EMBANDEIRAMENTO EM ARCO – Distribuição de bandeiras e galhardetes do Código Internacional de Sinais em cabos apropriados – vergueiros do embandeiramento – que são içados de proa a popa, desde o bico de proa, pelos topes dos mastros até à popa. À proa e popa os cabos descem na vertical recebendo aí a designação de moncos do embandeiramento e dispondo de pesos nos respectivos chicotes para os manter em posição.

EMBARCAR ÁGUA – Entrar, água por cima da borda por efeito de mau tempo ou por o navio ter adornado; termo expressivo equivalente é o de beber água pela borda.

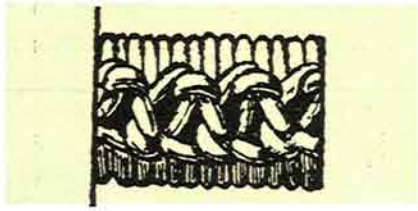
EMBETESGAMENTO – Obstrução da saída de um porto por afundamento na sua barra ou canal de acesso de navios carregados de cimento ou pedra, impedindo deste modo a sua utilização por forças navais adversas; é o mesmo que engarrafamento.

EMBOCADURA – Entrada de rio, porto, estreito ou canal.

EMBORCAR – Virar-se o navio ou embarcação por falta de estabilidade transversal, ficando de quilha para o ar.

EMBORNAL – Abertura à altura do pavimento do convés com tubos que vão abrir no costado acima da linha de água, para escoamento das águas da baldeação, da chuva ou do mar.

EMBOTIJAR – Cobrir completamente um cabo, haste ou qualquer outro objecto com um entrançado de linha, merlim ou fio.



S. Elpídio
Cap.-frag. AN

Curiosidades

A POPULAÇÃO MUNDIAL CRESCE...

O aumento da população mundial, face aos recursos existentes, é verdadeiramente assustador. Era de 2 biliões em 1850, é de 4 actualmente e calcula-se que será de 7 no ano 2000! Estas cifras extraordinárias não têm por causa principal o aumento da natalidade mas sim a diminuição fulgurante da mortalidade, devido ao progresso da medicina e dos medicamentos. Por esta razão as esperanças da vida humana atingir a média dos 100 anos é, cada vez mais, uma realidade.

O AVIÃO MAIS PEQUENO DO MUNDO

Michel Colomban, engenheiro francês da «Aérospatiale», apresentou aos jornalistas o «Cricri M. C. 10», que inventou e construiu. Este pequeno avião já voou 50 horas desde o princípio de 1974. Catorze pilotos o experimentaram e acharam simples de conduzir.
Pesa 170 quilos, tem 5 metros de envergadura, 3,9 de comprimento e 1,2 de altura. Voa a 170 km à hora – atingirá os 200 depois de alguns melhoramentos – e descola a 75. Pode subir a 3500 metros, percorre 500 km e consome 4 litros aos 100. Tem 2 motores Rowena de 9 CV de 7000 r.p.m.
Este avião, de um só lugar, é o mais ligeiro e o mais económico do mundo e pode ser transportado num veículo de 4× 1,5 metros.

(In BNF 8-2-75)

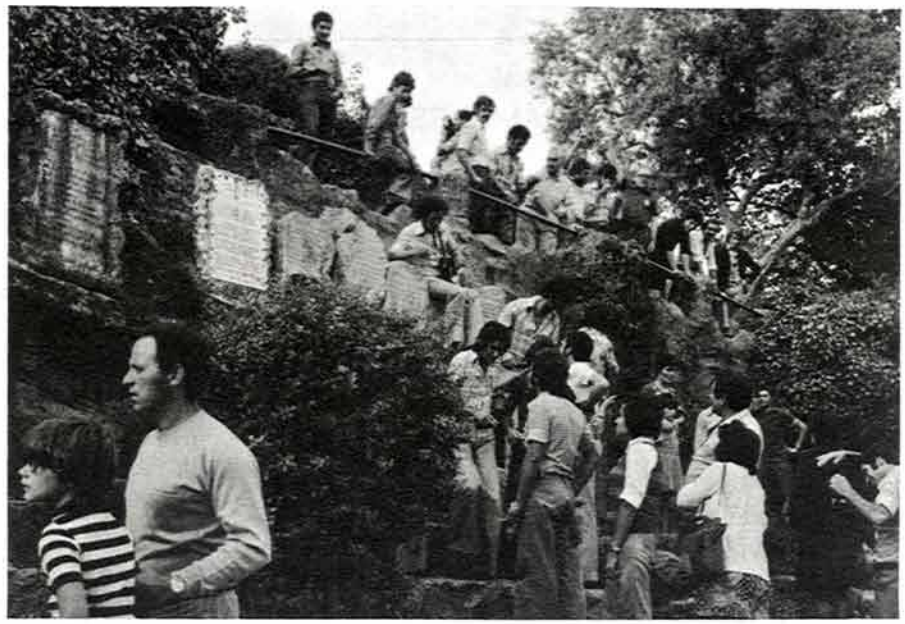
BIFES DE PENAS

Há tempos referimos nesta Revista que estavam em curso experiências genéticas com frangos, procurando obter uma raça sem penas visto estas não serem comestíveis e portanto não haver necessidade de gastar alimento para criar essa parte inaproveitável das aves.
Agora, surgiram alguns investigadores na Universidade de Columbia a opinar que as penas não são necessariamente incomestíveis. É que um cientista da Universidade da Georgia ocupa-se actualmente no estudo do isolamento das proteínas das penas por forma a utilizá-las na alimentação. As proteínas das penas dos frangos já estão a ser empregadas como aditivo em certas rações e não se vê razão para que não venham a ser utilizadas na alimentação de cães, gatos e até mesmo seres humanos. Os mesmos investigadores comentam que não devemos ser desleais para com os frangos procurando fazê-los nascer depenados, uma vez que existe um largo futuro para as penas dos ditos...

O. Lemos
Cap.-frag.

ENCERRAMENTO DAS FESTAS COMEMORATIVAS DO 1.º ANIVERSÁRIO DA CDAP

EXCURSÃO E VISITA DE ESTUDO A CONIMBRIGA



Dentro do programado para comemorar o seu 1.º aniversário, a CDAP (Comissão Dinamizadora do Associativismo de Praças, organizou, no passado dia 6 de Setembro, uma excursão a Conímbriga destinada a praças da Armada e seus familiares, que reuniu cerca de 300 pessoas.
A visita de estudo às ruínas de Conímbriga — a mais importante cidade Lusitana do grupo dos Túrdulos velhos do litoral, localizada em Condeixa-a-Velha, ao sul do Mondego e de Coimbra — e ao seu Museu foi atentamente apreciada por todos os participantes, após a qual e aproveitando a frescura dos pinhais das redondezas se reuniram num piquenique em que confraternizaram alegremente.
Os excursionistas, que sairam do Alfeite, visitaram também Coimbra, Figueira da Foz e Nazaré.

SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA DO MESMO ANIVERSÁRIO

No dia 8 de Setembro último, no auditório da Escola Naval, no Alfeite, efectuou-se uma sessão solene comemorativa do 1.º aniversário da CDAP, que encerrou o programa de festas levado a efeito de 1 a 8 daquele mês.
Presentes à sessão — a que assistiram centenas de praças e alguns oficiais e sargentos da Armada — o capitão-de-fragata ECN Martins Guerreiro, membro do Conselho da Revolução e chefe do Gabinete do CEMA, em representação do chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Pinheiro Azevedo; o vice-almirante Rosa Coutinho, do Conselho da Revolução; o comodoro Silva Gameiro, comandante da Escola Naval; o capitão-de-mar-e-guerra Vasco da Costa Santos, comandante Naval do Continente; o capitão-de-mar-e-guerra MN Ramiro Correia e

o capitão-tenente Almada Contreiras, do Conselho da Revolução. Assistiram também à sessão representações da ADOA (Assembleia de Delegados dos Oficiais da Armada) e da CRSA (Comissão Representativa dos Sargentos da Armada); vários marinheiros da antiga ORA (Organização Revolucionária da Armada) e delegações de praças do Exército e da Força Aérea.

A «JOÃO ROBY» REGRESSOU DE UMA VIAGEM DE INSTRUÇÃO

A corveta «João Roby», comandada pelo capitão-tenente Costa Pecorelli, regressou a Lisboa no dia 13 de Setembro após a viagem de instrução de 26 aspirantes do 2.º ano — Curso «Gago Coutinho» — e de 6 cadetes do CFOSE.

A viagem teve a duração de 61 dias, tendo o navio visitado os portos de Las Palmas, S. Vicente de Cabo Verde, Hamilton, Halifax, Santa Cruz das Flores, Horta, Angra do Heroísmo, Ponta Delgada e Funchal.

A «BAPTISTA DE ANDRADE» EM MISSÃO DE SALVAMENTO

A corveta «Baptista de Andrade», em péssimas condições de mar, recolheu e transportou para Lisboa, de bordo do navio mercante «Pelinoaba» dois feridos graves e o cadáver de uma senhora, tripulantes do navio mercante da República Federal Alemã «Taveta» que no dia 16 de Setembro a cerca de 200 milhas a sudoeste de Lisboa, foi vítima de violento incêndio que atingiu proporções incontroláveis e catastróficas para o navio e sua tripulação.

REUNIU A ASSEMBLEIA DO MFA DA ARMADA

No passado dia 17 de Setembro, reuniu no auditório da Escola Naval, no Alfeite, a Assembleia do MFA da Armada.

No dia imediato, foi distribuído aos órgãos da Informação o comunicado que transcrevemos, no qual é também abordado, em anexo, a reunião efectuada na véspera no Clube Militar Naval, à qual estiveram presentes cerca de trezentos oficiais.

É o seguinte o teor do comunicado:

«1. A Assembleia do MFA da Armada reuniu, no dia 17 de Setembro, em sessão ordinária, no auditório da Escola Naval do Alfeite, com a seguinte ordem de trabalhos:

— Análise da actual situação política.

— Informação sobre Angola, Açores e Madeira.

— Reestruturação do Conselho da Revolução.

— Análise dos projectos de diploma para reestruturação dos órgãos do MFA da Armada.

«2. Ao abrir da sessão, a Assembleia ouviu exposições dos almirantes Pinheiro Azevedo e Rosa Coutinho, sobre a actual situação político-militar, vincando-se a necessidade de reforço da unidade da Armada, bem como do MFA, ao lado das classes trabalhadoras, para defesa dos objectivos da Revolução Portuguesa, na construção de uma sociedade socialista no nosso país.

«A respeito da situação existente em Angola, Açores e Madeira, a Assembleia foi informada pelos respectivos delegados.

«3. Procedeu-se, em seguida, à votação dos membros efectivos e suplentes representantes do MFA da Armada no Conselho da Revolução, tendo sido obtidos os seguintes resultados: efectivos, almirante Rosa Coutinho, comandante Martins Guerreiro e comandante Almada Contreiras. Suplentes, 1.º-tenente EMQ Miguel Judas e capitão de mar e guerra MN Ramiro Correia.

«4. Foram apresentados e sujeitos a breve discussão, o projecto de portaria para reestruturação dos órgãos do MFA

da Armada e um projecto de regimento da Assembleia do MFA da Armada, anteriormente elaborado pelo Secretariado do MFA da Armada.

«Estes projectos serão sujeitos, em seguida, à mais ampla discussão e análise por todos os elementos do MFA, da Armada, e da própria Armada.

«5. Foi apresentada à Assembleia, para conhecimento, a posição assumida em reunião de oficiais da Armada, efectuada no Clube Militar Naval na noite anterior, e que se transcreve em anexo.

«Sobre o assunto, a Assembleia do MFA da Armada pronunciou-se, aprovando a moção que se transcreve:

«Considerando que a reunião de oficiais havida na noite de 16 do corrente no Clube Militar Naval:

— Fugiu desnecessariamente aos órgãos associativos e democráticos existentes, cuja não utilização favorece as práticas divisionistas.

— Foi do conhecimento apenas de alguns oficiais.

— Presta-se a aproveitamentos especulativos e mal intencionados.

— Permite que grupos de direita arrastem oficiais sinceramente interessados no processo revolucionário, para posições contrárias às suas intenções.

A Assembleia do MFA da Armada:

— Reitera a sua posição de defesa do associativismo e livre expressão de pensamento e opinião;

— Reprova procedimentos ou atitudes que põem em causa os órgãos associativos e democráticos, e que provocam ou podem provocar divisionismo dentro da Armada.»

ANEXO

«Cerca de três centenas de oficiais da Armada, efectuaram no Clube Militar Naval na noite de 16-9-75, uma reunião informal, com a finalidade de esclarecer dúvidas sobre a actual situação política, sobre a última reunião da Assembleia do MFA da Armada, sua reestruturação a curto prazo, e a consequente actuação da direcção política do MFA-Armada no processo em curso.

«O consenso da discussão havida num ambiente de grande camaradagem, foi de que a direcção política tem cometido erros deformando a imagem democrática da Armada, e que a maioria dos oficiais presentes procurará ver corrigido a curto prazo, através de uma incrementação da sua participação colectiva nessa direcção política. Tal incrementação consta de um projecto indicado na agenda de trabalhos da Assembleia do MFA da Armada a realizar no dia 17-9-75.

«Este consenso foi apresentado ao CEMA por declaração redigida no final da reunião.»

QUATRO OFICIAIS DA ARMADA FAZEM PARTE DO VI GOVERNO PROVISÓRIO

«Fechando um período crítico da nossa Revolução», como afirmaria o Presidente da República, general Costa Gomes, no seu discurso, foi empossado no passado dia 19 de Setembro, no Palácio de Belém, o VI Governo Provisório, que é chefiado pelo vice-almirante Pinheiro Azevedo, titular do cargo de chefe do Estado-Maior da Armada.

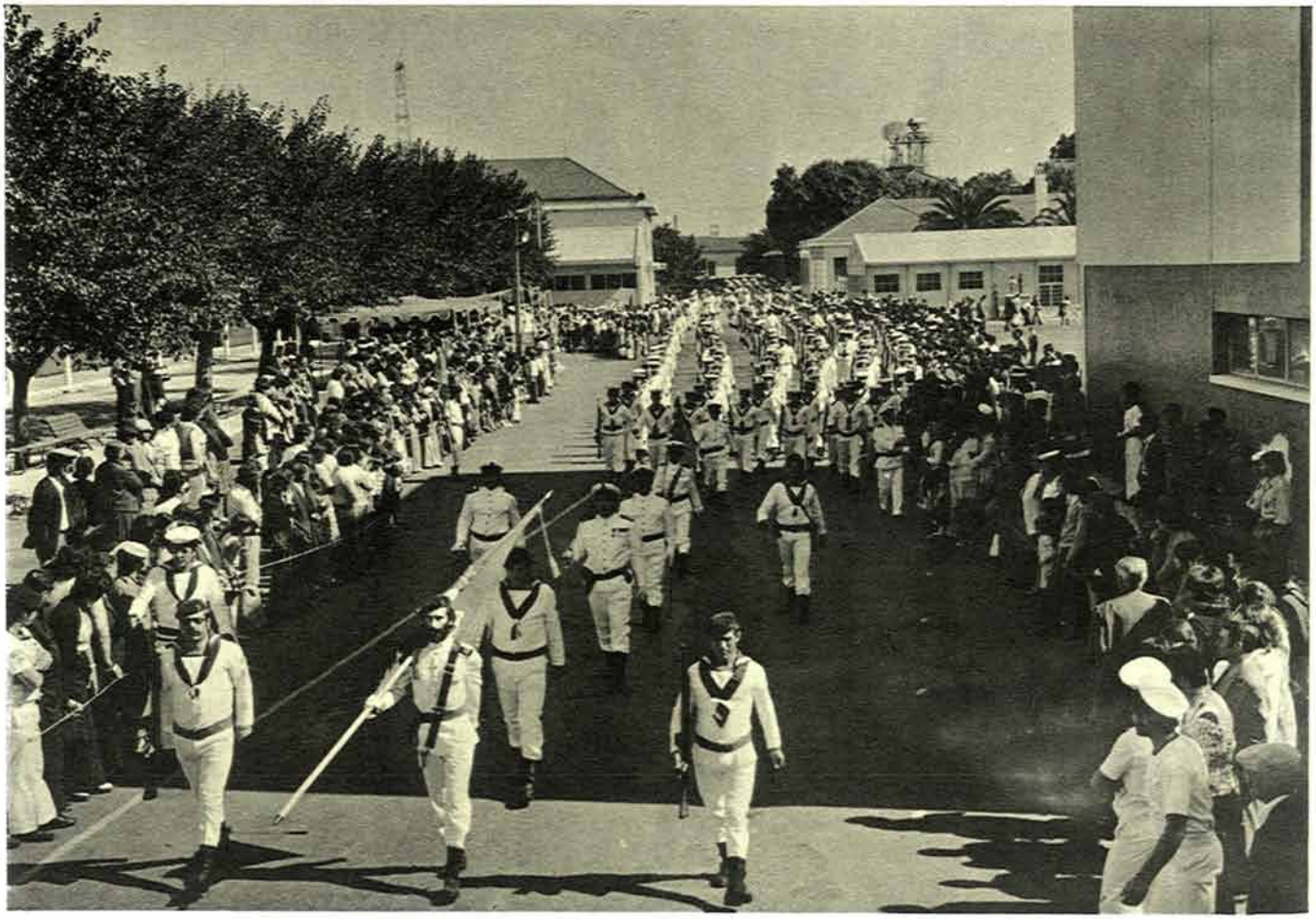
Foi ainda empossado como ministro da Administração Interna, o capitão-de-fragata Almeida e Costa que desempenhava as funções de director-geral naquele Ministério.

O novo Primeiro-Ministro, no seu discurso, entre outras afirmações, disse: «Sabemos que se torna imperioso encontrar solução para os problemas que nos afectam: ordem pública, autoridade, disciplina e coesão nas Forças Armadas, descolonização, economia, relações externas.»

Ao acto de posse assistiram os membros do Conselho Superior da Revolução e o Presidente da Assembleia Constituinte.

Para fazerem também parte do VI Governo Provisório, foram empossados pelo Chefe do Estado, em acto que teve a presença do Primeiro-Ministro, no dia 26 de Setembro, no mesmo local, o capitão-de-fragata Vítor Crespo, como ministro da Coordenação, e o capitão-de-fragata AN Mário de Aguiar, como secretário de Estado da Administração Escolar.

JURAMENTO DE BANDEIRA NA 3.ª INCORPORAÇÃO DE RECRUTAS DE 1975



Com o cerimonial habitual, realizou-se no passado dia 19 de Setembro, no Grupo n.º 1 de Escolas da Armada, em Vila Franca de Xira, o juramento de bandeira da 3.ª incorporação de recrutas de 1975 e dos alistados dos cursos de artífices, de enfermeiros e de despenseiros.

O acto foi presidido pelo superintendente dos Serviços do Pessoal, comodoro Simões Teles, e teve a presença do director do Serviço de Instrução, capitão-de-mar-e-guerra Carmo Fernandes, que foram recebidos pelo comandante daquele Grupo de Escolas, capitão-de-mar-e-guerra Casqueiro de Sampaio.

A exortação aos juramentados foi feita pelo director dos Cursos, primeiro-tenente Alexandre da Fonseca, tendo a leitura dos Deveres Militares e a fórmula do juramento sido efectuada pelo primeiro-tenente Ribeiro Ferreira.

Antes, porém, havia sido feita a distribuição dos prémios escolares, que couberam a:

Prémio Aprumo Militar — 2268/75/2.º gr. rec., Vidal.

Prémio Exame Final de Instrução — 2532/75/2.º gr. rec., Vaz.

Prémio Educação Física — 2277/75/2.º gr. rec., Silva.

Prémio Habilitações Literárias — 2482/75/2.º gr. rec., Pires.

Para encerrar a cerimónia, o batalhão escolar composto por 10 companhias, num total de cerca de 700 homens, desfilou perante as entidades presentes, tendo, seguidamente, os novos «marinheiros» feito demonstrações de manejo de arma e de preparação física com o agrado dos muitos familiares que assistiram ao acto.

POSSE DO NOVO CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA ARMADA

No passado dia 22 de Setembro, numa cerimónia realizada no Gabinete do Chefe do Estado-Maior da Armada, a que assistiram o chefe do Estado-Maior do Exército, general Carlos Fabião, e vários oficiais generais e superiores da Armada, o vice-almirante Pinheiro Azevedo, titular do cargo de chefe do Estado-Maior da Armada e actual Primeiro-Ministro conferiu posse ao novo chefe do Estado-Maior da Armada, interino, comodoro graduado contra-almirante Filgueiras Soares.

PLENÁRIO DE SARGENTOS DA ARMADA

Os sargentos da Armada reuniram-se em plenário para tratarem de assuntos de interesse para a sua classe, tendo a ordem de trabalhos observado os seguintes pontos:

1. Análise do problema da publicação de serviço dos sargentos nas Oficinas Gerais de Armas Electrónicas (OGAE) durante o período de tempo que for necessário.

2. Análise do projecto de diploma do Curso de Formação de Oficiais Técnicos.
3. Análise do rejuvenescimento dos Quadros.
4. Debates e esclarecimentos.

A sessão, que se realizou no passado dia 1 de Outubro, no Alfeite, com a assistência de muitas centenas de sargentos que encheram o auditório da Escola Naval, teve a presença do superintendente dos Serviços do Material, contra-almirante Souto Cruz.

5 DE OUTUBRO — ANIVERSÁRIO DA REPÚBLICA PORTUGUESA

No passado dia 5 de Outubro comemorou-se em todo o País a data da passagem do 65.º aniversário da Implantação da República em Portugal.

Na capital, onde decorreram as comemorações mais significativas, teve como acto mais alto a cerimónia efectuada na Praça do Município que, presidida pelo Presidente da República, general Costa Gomes contou com a presença do Primeiro-Ministro, vice-almirante Pinheiro Azevedo, e do presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, engenheiro Caldeira Rodrigues.
Também no Alto de S. João, junto do túmulo do almirante Machado dos Santos, foi prestada homenagem aos heróis do 5 de Outubro.

CONFRATERNIZAÇÃO DE ANTIGOS COMANDANTES E FUNCIONÁRIOS DA POLÍCIA MARÍTIMA

No dia 4 de Outubro, reuniram-se num almoço de confraternização, no restaurante Narciso, na praia de Carcavelos, os seguintes comandantes e funcionários da Polícia Marítima — os comandantes pela ordem de antiguidade no cargo: 1.º-tenente Sales Henriques, contra-almirante Flávio de Sousa, capitão-de-fragata Santiago Ponces, comodoro Malheiro do Vale, comodoro Cruz Filipe, capitão-de-mar-e-guerra Olegário Borges, capitão-de-mar-e-guerra Pimentel Saraiva, capitão-de-fragata Figueiredo de Carvalho (actual comandante), inspector Manuel Cabaço, chefe António Nabais e chefe Ferreira Elias.

O repasto decorreu em ambiente de amizade e camaradagem, tendo-se recordado episódios passados na Corporação.

A FRAGATA «ALMIRANTE PEREIRA DA SILVA» PRESTA ASSISTÊNCIA ÀS TRAINEIRAS RETORNADAS DE ANGOLA

Como foi largamente noticiado na Imprensa diária, chegaram sãs e salvas a portos do Algarve nove traineiras tripuladas por retornados de Angola. Sabendo-se que estas embarcações são mais frágeis que as caravelas do Infante, o facto constitui uma proeza digna de registo.

Nós, os da Marinha de Guerra, que percorremos tantas vezes a mesma rota a caminho das antigas colónias, estamos em condições de avaliar bem o esforço e os perigos a que as tripulações destes barcos se sujeitaram. Por isso as saudamos calorosamente, desejando que encontrem no Continente as condições de vida que bem merecem.

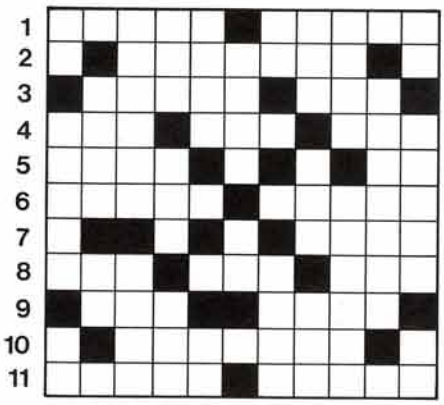
Estas embarcações foram assistidas, entre as Canárias e a costa algarvia, pela fragata «Almirante Pereira da Silva», em colaboração com a Força Aérea Portuguesa.

OS CADETES DO CURSO «GONÇALO VELHO» REGRESSARAM DA VIAGEM DE INSTRUÇÃO

Depois de uma viagem em que foram visitados portos dos Açores, França, Holanda, Grã-Bretanha e União Soviética, para a qual partira no dia 14 de Julho último e que serviu de instrução a 25 cadetes do curso «Gonçalo Velho», regressou a Lisboa o navio-escola «Sagres», que atracou na Base Naval, no Alfeite, no dia 6 de Outubro, onde era aguardado por numerosos familiares da sua guarnição e dos cadetes.

Quarto de Folga

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 – Raiva; espécie de andorinha. 2 – Enxadão. 3 – Formara em alas; camareira. 4 – Preposição; reza; governanta. 5 – Raça; ante meridiano. 6 – Chupeta; tolere (fig.). 7 – Nome de um continente. 8 – Nome de um fruto; nome de uma letra grega; malícia (fig.) 9 – Insignificância; princípio superior. 10 – Vila alentejana. 11 – Encher (fig.); que não tem ângulos.

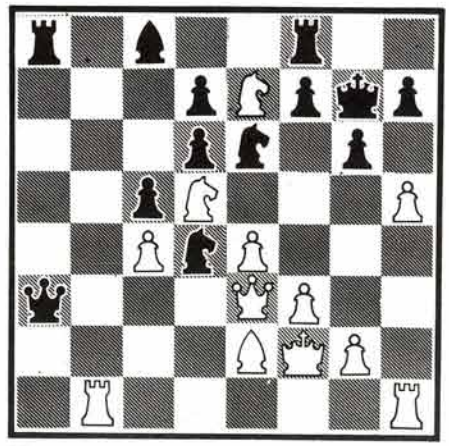
VERTICAIS: Nota musical; deus do maior rio do Peleponeso pai de Orsíloco e avô de Diocles (mit.); antes de Cristo. 2 – Cingir; ande. 3 – Constelação do Hemisfério austral; mãe do pai ou da mãe (pl.). 4 – Naquele lugar (inv.); nome feminino; composição poética. 5 – Africano; também (ant.). 6 – Terminação de alguns verbos; alto aí (inv.). 7 – Aparência; transfere para outro dia. 8 – Formiga brasileira de cabeça vermelha; capa sem mangas; unidade de trabalho. 9 – Meio de comunicação (fig.); cidade do alto Egipto, na margem direita do Nilo. 10 – Gostarias. 11 – Vogal dobrada; apelido; letra grega.

Carmo Pinto
1.º-sarg. H

(Solução na pág. 34)

XADREZ

(Solução na pág. 34)



As brancas jogam e ganham.

Ah! Quem me dera andar por essas terras todas...

CONCURSO N.º 50

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

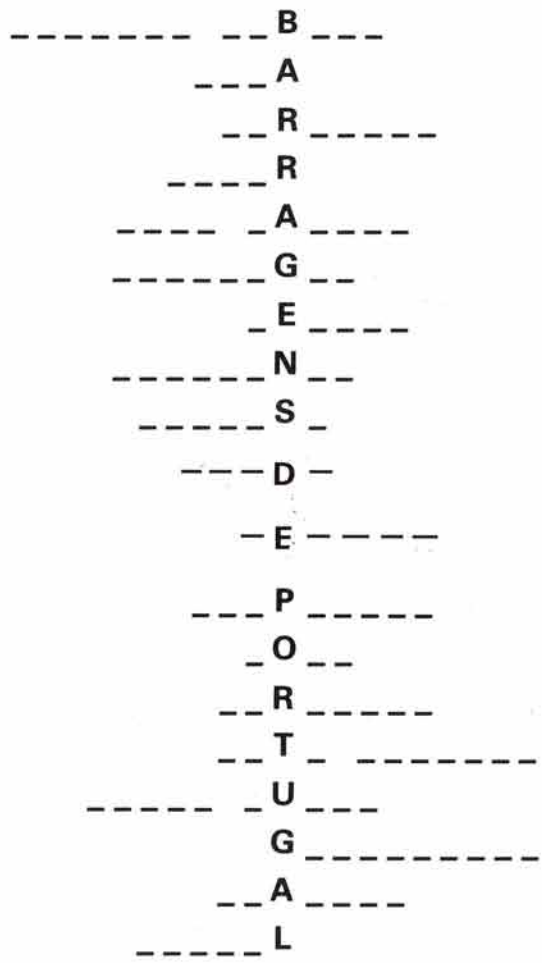
Z A R A T I T O R O S T S A S I N I T O
A T I T U L O R S P O M O R I T I S A L
I D A L I T M B O A M A R U L M G U T O
T O N O N S N I A M O S I M N O E S I O
O G S X E R A M A N É A A A R T R O O S
E T B D J I D A Z I U L A S A D I O L A
O S A C N O L I O O T A L E N A T X I S
L É S I M K A L N L Z K S O M A R I N O
A S S T C I L O A M G L M A R A S T I N
I O R A I N O R S I Z I D O S D I V A N
M A C K E N Z I E S S T E N T R U I X S
A C I O A M A R E T L O F I U N A P O N
B D J M I O T A S S O K R A X O D R A I
E F K N C K I C N S C I E S S I N E J O
G H L P R A D I T R N T T M T R I T O R
I S G H O K E M S I U A A S V E L O V T
A A Q R A R S O N T O E R I A Z I A R E
I R O S S K T R A O V E I O L I S T A R
N I X T Q M A I O P K O T X O A T I T A
V X Z U N T O R I R U S S I M X O M S

No emaranhado de letras que apresentamos estão mencionados os nomes de 12 rios do mundo, cujas extensões são superiores a 4000 quilómetros. Procure-os em todos os sentidos, menos obliquamente. Alguns dos nomes estão escritos de forma invertida.

Basto Carreira
Cap.-m.-g.

PASSATEMPO

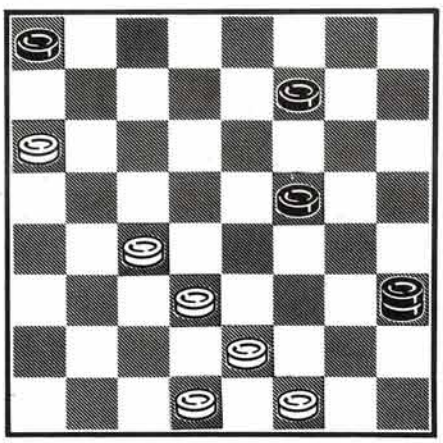
(Solução na página 34)



O leitor substituindo os traços por letras encontrará os nomes de algumas barragens de Portugal.

SEASA
Cabo aux. RA

DAMAS



As brancas jogam e ganham

(Solução na pág. 34)

QUANDO UM TORNADO É BENVINDO...

Por alturas de 1956, saiu de Lisboa para a Índia o aviso «Bartolomeu Dias», em viagem de instrução de cadetes, levando pessoal extra que se destinava ao aviso «Gonçalves Zarco».

A abarrotar de gente, o racionamento de água doce era muito rigoroso, e o pessoal via-se aflito para tomar banho. Só havia a água aberta durante 10 minutos e o encarregado da aguada não arriava nem uma «volta ao cabo»...

Seguia a bordo, com destino ao «Zarco» um 2.º-tenente médico ainda verde nas andanças do mar.

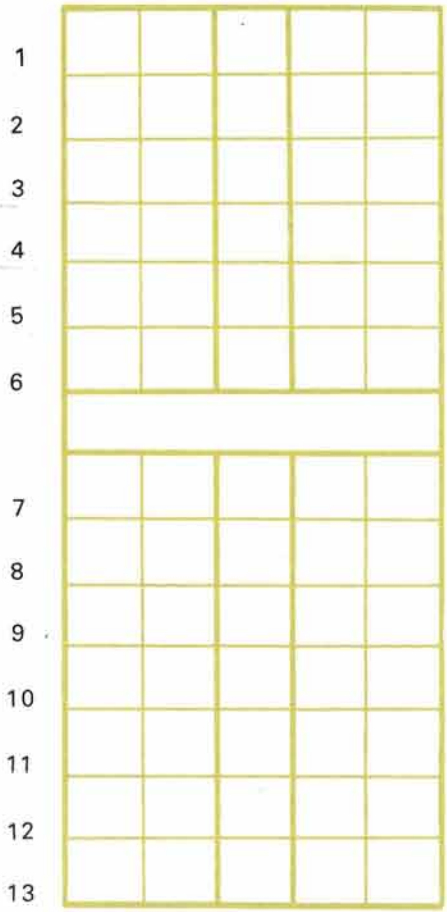
Por alturas da Serra Leoa apareceu um tornado, e como a guarnição sabia que era sol de pouca dura tratou de arranjar autorização para um duche com água da chuva.

Para a arraia miúda foi reservada a proa, para os sargentos a meia nau e para os oficiais a tolda.

O nosso clínico estava a bater

(Continua na pág. 34)

PILHA DE PALAVRAS



1 – Aurora. 2 – Praia. 3 – Soprar. 4 – Fiança. 5 – Arder. 6 – Corpúsculo. 7 – Agonia. 8 – Aérea. 9 – Vértebra. 10 – Gaivota. 11 – Desconto. 12 – Tramóia. 13 – Sabugo.

Depois de resolvido este passatempo, na coluna, central, o leitor encontrará o nome de um pintor português. Este problema tem a particularidade de as palavras se iniciarem pela letra «A».

Basto Carreira
Cap.-m.-g.

QUANDO UM TORNADO É BENVINDO...

(Continuação da pág. 33)

uma grande «baderna» no camarote quando o foram avisar que, se queria tomar banho, fosse depressa para a tolda. Respondeu que tinha tempo... e passado um bocado, apareceu em pêlo, todo risonho, de toalha e sabonete... com todo o vagar começou a ensaboar-se julgando que a chuva estava por conta dele. O pior é que quando estava no melhor, esta foi-se e... ele ficou todo ensaboado.

Perante a galhofa geral foi pedir água para tirar o sabão, mas ficou a Leste porque o cabo da aguada não foi nisso. Não teve remédio senão tirar o sabão a seco. Restou-lhe a consolação de andar uns dias muito bem cheiroso...

E. Gravata
1.º-sarg. A

SOLUÇÕES

PASSATEMPO

Castelo do Bode, Caia, Paradela, Divor, Alto Cavado, Montargil, Penide, Salamonde, Lindoso, Arade, Belver, Campilhas, Roxo, Maranhão, Alto Rabagão, Santa Luzia, Guilhofrei, Bravura e Cafril.

DAMAS

PROBLEMA:
As brancas jogam e ganham:

SOLUÇÃO:

Brancas	Pretas	
2 – 5	9 – 12	
11 – 14	2 – 11 –20	
14 – 21 – 30=D	20 – 16	(A)
3 -6	16 – 3	(B)
30 – 17	etc.	
(A) Se ...	20 – 2	
3 – 6	2 – 11	
24 – 28		
(B) Se ...	16 – 7	
24 – 28	32 – 23	

XADREZ

Brancas	Pretas	
1. D6h		
Se:	R8h	
2. DxP	RxD	
3. PxP		
e é mate		

Se o Rei preto vai para G5:

3. Th5	RxT	
4. Pf4	CxP	
5. Cf6	Rh6	
6. Pe5	Rg7	
7. Ce8	TxC	
8. Txl	Rf6	(ou f8)
	(e mate)	

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 – Rábia; aivão. 2 – Alferce. 3 – Alara; aia. 4 – Até; ora; ama. 5 – Laia; am. 6 – Frade; apare. 7 – Ásia. 8 – Uva; eta; sal. 9 – Avo; Deus. 10 – Odemira. 11 – Coser; ágono.

VERTICAIS: 1 – Ré; Alfeu; aC. 2 – Atar; vá. 3 – Baleia; avós. 4 – Ila; Ada; ode. 5 – Afro; er. 6 – Eara; At. 7 – Ar; adia. 8 – Ica; opa; Erg. 9 – Veia; Assuão. 10 – Amarias. 11 – Oo; Ameal; ro.

PILHA DE PALAVRAS

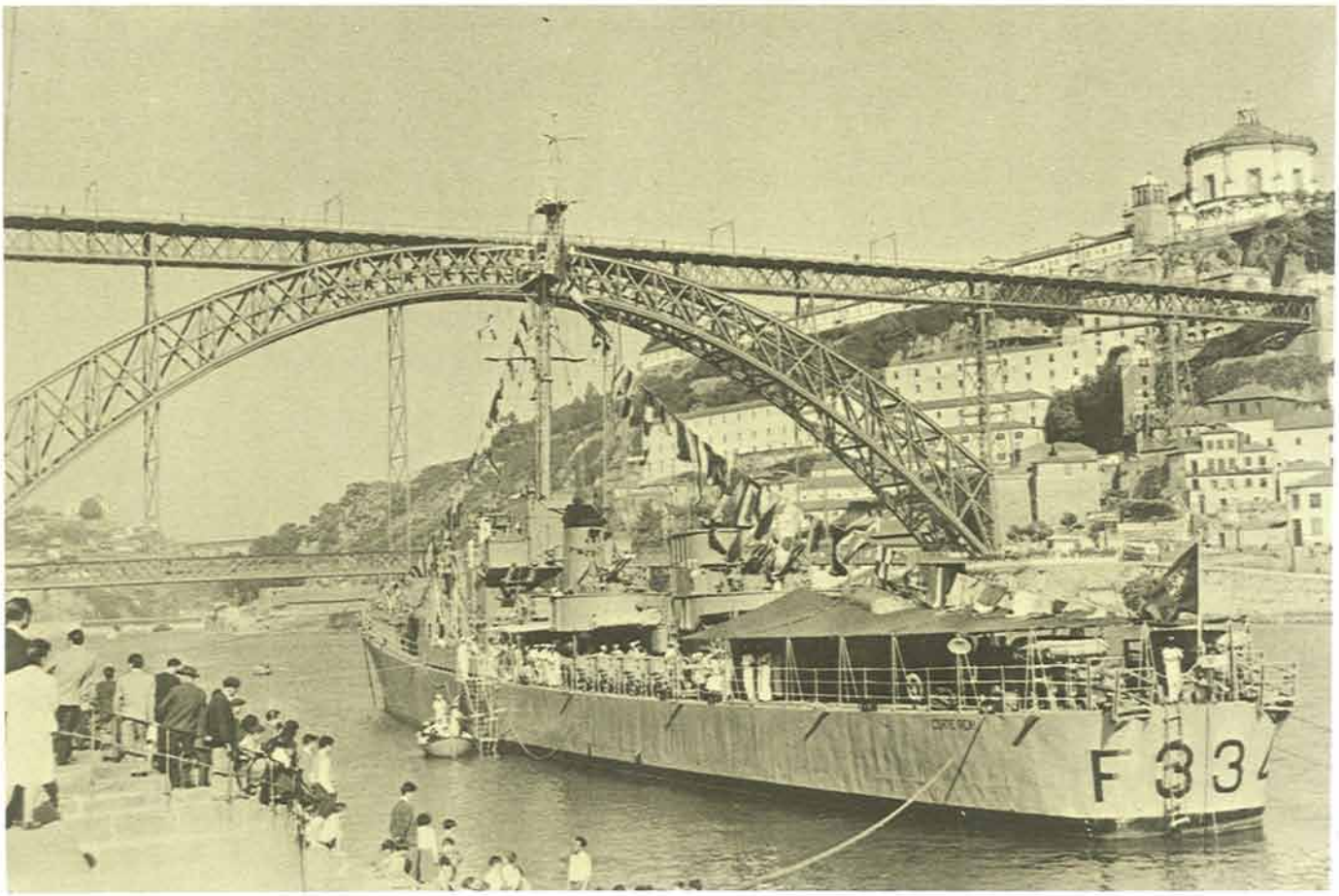
1 – Alvor. 2 – Areia. 3 – Aflar. 4 – Abono. 5 – Arser. 6 – Átomo. 7 – Ânsia. 8 – Alada. 9 – Atlas. 10 – Argau. 11 – Abate. 12 – Ardil. 13 – Arolo.

(Veloso Salgado)

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 48

Lua, Marte, Mercúrio, Neptuno, Plutão, Saturno, Terra, Urano, Vénus e Júpiter. Antares, Rígel e Sírius.

VENCEDOR: 1.º-gr. L n.º 13/73, José Manuel F. Silva.
D. S. E. C.



A gente do Porto sempre gostou da Marinha.
(Foto de autor desconhecido)

A «Sagres» com iluminação de gala é um espectáculo.
(Foto do asp. Leal de Faria)

Actividades nas Escolas da Armada

GRUPO n.º 2 de Escolas da Armada – Escola de Comunicações – Instrução de recepção à máquina de morse acústico.

Grupo n.º 2 de Escolas da Armada – Escola de Marinharia – Arriando um escaler para ilustração de remo.

(Fotos de A. Fernandes, Fotógrafo do Gabinete de Fotografia do E. M. A.)